



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FACE
Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais - CCA
Curso de Ciências Contábeis

THAÍS VINAGRE DE SOUZA

**ANÁLISE DA PERCEÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE
CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA ACERCA DAS
DISCIPLINAS PRÁTICAS DO CURSO.**

Brasília – DF

2015

Professor Doutor Ivan Marques de Toledo Camargo
Reitor da Universidade de Brasília

Professora Doutora Sônia Nair Bão
Vice-reitora da Universidade de Brasília

Professor Doutor Mauro Luiz Rabelo
Decano de Ensino de Graduação

Professor Doutor Jaime Martins de Santana
Decano de Pesquisa e Pós-graduação

Professor Doutor Roberto de Goes Ellery Júnior
Diretor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Professor Doutor Rodrigo de Souza Gonçalves
Coordenador de Pós – Graduação do curso de Ciências Contábeis

Professor Doutor José Antônio de França
Chefe do Departamento de Ciências Contábeis

Professora Doutora Diana Vaz de Lima
Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis – diurno

Professor Doutor Marcelo Driemeyer Wilbert
Coordenador de Graduação do curso de Ciências Contábeis - noturno

THAÍS VINAGRE DE SOUZA

**ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA ACERCA DAS DISCIPLINAS
PRÁTICAS DO CURSO.**

Monografia apresentada a Universidade
de Brasília (UnB) como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Contábeis.

Professor Orientador: Msc. Alex Laquis
Resende

Brasília – DF
2015

SOUZA, Thaís Vinagre de.

Análise da percepção dos egressos do Curso de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília acerca das disciplinas práticas do curso. / Thaís Vinagre de Souza - 2015. 72 f.

Orientação: Msc. Alex Laquis Resende

Monografia – Ciências Contábeis - Brasília, Universidade de Brasília, 2015.

Palavras-chave: Contabilidade. Matérias práticas. Estágio Supervisionado.

AGRADECIMENTOS

A todos o meu sincero muito obrigada!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê”.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

As mudanças socioeconômicas advindas da globalização, em conjunto com a complexidade das informações e dos dados, tornam o mercado de trabalho cada vez mais exigente na qualificação dos profissionais. Assim o mercado espera que esse novo profissional ultrapasse o tecnicismo, possuindo assim habilidades e competências que ultrapassem os papéis básicos e almejando que consigam, a partir das informações existentes, pensar, articular, entender o negócio e tomar decisões com consciência. O estudo feito tem como objetivo verificar se a quantidade de matérias práticas é suficiente para qualificar os novos profissionais às exigências do mercado. E mensurar também a importância da matéria estágio supervisionado se tornar obrigatória no currículo contábil da UNB como forma de buscar uma maior transferência dos conceitos teóricos para o campo prático. Para avaliar a situação estudada foram aplicados dois questionários, visando identificar a opinião do corpo docente da universidade e dos alunos que estejam estudando ou já se formaram no Curso de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília. Concluiu-se que o currículo deste curso necessita de mudanças para adequar a formação de seus estudantes às cobranças feitas pelo mercado, principalmente na parte prática, em que se vivencia a contabilidade.

Palavras-chave: Contabilidade. Mercado de trabalho. Matérias práticas. Estágio supervisionado. Ciências Contábeis.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2. Referencial Teórico	10
2.1 O curso de Ciências Contábeis no Brasil:.....	10
2.2 Percepção dos empregadores.....	14
2.3 A intervenção das legislações.....	14
2.4 Diretrizes Curriculares.....	15
2.5 A quantidade de técnicos e Contadores.....	16
2.6 A Contabilidade.....	17
2.7 A importância do envolvimento da teoria e prática	20
2.7.1 A Interdisciplinaridade e multidisciplinares nos Cursos de Ciências Contábeis.....	20
2.7.2 O entendimento dos professores quanto à prática contábil	20
2.8 As exigências do mercado de trabalho para a área contábil	21
2.9 As críticas feitas ao ensino “tradicional”	22
2.10 Métodos de participação do aluno no processo de aprendizagem.....	23
2.11 O Corpo docente Contábil e sua metodologia de ensino	24
2.12 Métodos de ensino.....	25
2.13 Competências e habilidades esperadas de um bom profissional da área Contábil e a importante inserção da teoria na prática	26
2.14 Os problemas encontrados no ensino das Ciências Contábeis	28
2.15 As disciplinas práticas no curso de Ciências Contábeis	29
2.15.1 Jogos de Empresas.....	29
2.15.2 Estágio Supervisionado	30
2.15.3 Laboratório contábil empresarial.....	31
2.16 Análise da Grade da UNB	32
3 Metodologia da Pesquisa	33
3.1 Enquadramento metodológico.....	33
3.2 Procedimento de coleta de dados	35
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	37
4.1 Análises das respostas apresentadas pelos alunos.....	37
4.1.2 Análise do Gênero	38
4.1.3 Análise da Faixa etária	38
4.1.4 Análise do percentual dos alunos que cursaram a matéria estágio supervisionado.....	39
4.1.5 Análise do percentual dos alunos que fizeram outro estágio, que não o estágio supervisionado.....	41

4.1.6	Análise das áreas nas quais os alunos fizeram o estágio.....	41
4.1.7	Análise das atividades que costuma realizar no estágio.....	42
4.1.8	Análise do tempo máximo de permanência no mesmo estágio	43
4.1.9	Análise da opinião dos alunos que responderam a pesquisa sobre se o estágio contribuiu para a sua formação acadêmica.....	43
4.1.10	Análise do motivo pelo qual o aluno procurou o estágio	43
4.1.11	Análise dos pontos positivos e negativos relacionados à importância da matéria estágio supervisionado na formação do aluno no curso de Ciências Contábeis.....	44
4.1.12	Análise sobre a falta de atuação na prática contábil.....	46
4.1.13	Análise dos alunos já formados, sobre o impacto da falta de contato com o ambiente real de trabalho na graduação na sua entrada no mercado de trabalho	46
4.1.14	Análise dos alunos que já fizeram estágio quanto a ter ou não afetado em algum processo seletivo	46
4.1.15	Análise sobre os alunos que se formaram e fizeram estágio, como imagina que afetou sua carreira profissional?.....	47
4.1.16	Análise da entrada no mercado de trabalho sentiu-se inseguro ou sem experiência suficiente para exercer a função designada?	47
4.1.17	Análise da entrada no mercado de trabalho sentiu falta de alguma experiência profissional que imagina pudesse ter aprendido na graduação?.....	48
4.1.18	Ao analisar os alunos que responderam sim e descreveram o que faltou, contou-se que:	49
4.1.19	Análise dos alunos se quantidade de disciplinas práticas no curso de ciências contábeis da UnB é suficiente para a formação do graduando em ciências contábeis?	49
4.1.20	Analisar o objetivo dos alunos na ou após a graduação?	51
4.2	Análise das respostas dos docentes.....	51
4.2.1	Análise do Perfil do Docente	51
4.2.2	Análise do Gênero?	52
4.2.3	Análise da Idade?	52
4.2.4	Análise da Formação Acadêmica?.....	52
4.2.5	Análise do Ano em que conduziu o ensino superior?	52
4.2.6	Análise de Maior titulação?.....	53
4.2.7	Análise da Área da maior titulação?.....	53
4.2.8	Análise de há quantos semestres leciona no curso de Ciências Contábeis?	53
4.2.9	Análise de quais já lecionaram a disciplina de laboratório empresarial? Quantos semestres? Qual o semestre e ano da última turma?.....	53
4.2.10	Análise de enquanto aluno de graduação cursou a disciplina de laboratório empresarial? .	54

4.2.11	Análise de Enquanto aluno de graduação participou de programas de estágio? Se sim, quantos semestres? Se sim, atuou na área contábil no estágio? Se sim, quando o fez foi supervisionado por responsável da instituição ou da empresa?.....	54
4.2.12	Análise se matéria estágio supervisionado deveria ser obrigatória na grade horária da graduação de Ciências Contábeis?.....	55
4.2.13	Análise da opinião dos discentes, sobre qual a importância da matéria estágio supervisionado na formação do aluno no curso de Ciências Contábeis, se possível elenque pontos positivos e negativos?.....	55
4.2.14	Análise da quantidade de disciplinas práticas no curso de ciências contábeis, verificando se esta é suficiente para a formação da graduação de ciências contábeis?*	56
4.2.15	Análise das Experiências Profissionais além da docência?	56
4.2.16	Análise da(s) experiência(s) é(são) em sua área(s) de formação (graduação)?	56
4.2.17	Análise de há quanto tempo trabalha?	56
4.2.18	Análise da precisão de curso de formação para atuar na área?.....	57
4.2.19	Análise do primeiro emprego foi enquanto cursava a graduação?.....	57
4.2.20	Análise se já foi responsável por estágio supervisionado? Se sim, quantos semestres?	58
4.2.21	Análise de qual a quantidade de disciplinas práticas deveria existir no curso de Ciências Contábeis e cita quais você imagina que deveria ter?	58
5.	Considerações Finais.....	60
5.1	Conclusão.....	60
	Referências:.....	64

1 INTRODUÇÃO

O crescimento econômico gerou muitas mudanças ao longo da história da contabilidade, resultando na sua evolução no campo da ciência, com isso o mercado está cada vez mais exigente quanto às qualificações e competências procuradas nos profissionais. Considerando que a qualificação esperada do profissional transcenda o tecnicismo, tendo assim uma visão geral do negócio, a fim de otimizar o controle econômico e financeiro de cada organização de acordo com sua missão e a partir das informações contábeis, orientar o gestor na tomada de decisões. Uma vez que é exigido do profissional contábil pensar, questionar e levantar dúvidas tanto dos problemas contábeis, quanto das legislações, para buscar as soluções mais adequadas para cada empresa.

Porquanto a contabilidade será, em um futuro próximo, considerada imprescindível para o gerenciamento das entidades e para que isso ocorra o contador deve estar ciente do papel importante que exerce na empresa.

A formação acadêmica só pode atingir as ambições do mercado, quando os currículos das instituições de ensino forem elaborados de acordo com as exigências do mercado, dando mais atenção à prática educativa diante de um mundo cada vez mais dinâmico e globalizado. E a importante interação entre teoria e prática deveria ser repassada aos alunos na graduação, ao invés de passar conhecimentos apenas teóricos.

O objetivo principal desse trabalho é averiguar se a quantidade de disciplinas práticas no curso de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília é suficiente para formar um profissional que atenda às necessidades do mercado e ainda apurar a importância da matéria estágio supervisionado se tornar obrigatória no currículo desse curso, partindo-se da perspectiva dos alunos, ex-alunos e professores.

Identificou-se como objetivos específicos verificar a possibilidade de essa abordagem mais teórica ter influenciado a entrada do egresso em ciências contábeis no mercado de trabalho. E também investigar as maiores faltas sentidas pelos estudantes nas experiências profissionais, que poderiam ter sido sanadas durante a graduação, além de examinar as condições e as dificuldades dos contadores que ao saírem das universidades tentam ingressar no mercado de trabalho. Além de pesquisar a quantidade de estudantes que estagiam em áreas diversas da sua área de formação e sondar a relação existente entre esse acontecimento e a não obrigatoriedade da matéria estágio supervisionado e, por fim, analisar se há necessidade de um curso de formação complementar para que o profissional possa atuar na área.

A abordagem do trabalho começa na própria introdução, onde se mostra o desenvolvimento da contabilidade e se apresenta às exigências quanto à qualificação do profissional exigida pelo mercado, direcionando essa pesquisa para mais quatro capítulos.

No capítulo 2, o referencial teórico é apresentado os antecedentes históricos que resultaram na evolução da contabilidade que influenciaram na globalização do mercado, aumentando suas exigências quanto às habilidades e competências esperadas dos profissionais da área contábil. Além de esclarecer as diferenças entre teoria e prática, evidenciando o envolvimento entre essas duas vertentes e ainda esclarecer a importância da prática contábil na formação do contador, mostrando quais matérias práticas existem no mundo acadêmico contábil. Quais dessas são oferecidas pela Universidade de Brasília, além de observar se é obrigatórias ou optativas e como isso afeta a formação profissional. Em adição a isso usei pesquisas anteriores e a opinião de autores renomados sobre os temas abordados.

No capítulo 3, Metodologia, descreve-se como foi realizada a pesquisa para alcançar seus objetivos. Para isso foi utilizada pesquisa descritiva-exploratória, documental e de levantamento que por meio de questionários aplicados a alunos, ex-alunos e professores, foi feita uma análise qualitativa e quantitativa dos dados coletados.

No capítulo 4, Análise de Resultados, é mostrada os resultados obtidos pela coleta de dados por meio de uma análise quantitativa e qualitativa.

No capítulo 5, a conclusão apresenta às considerações finais, limitações do trabalho e sugestões para pesquisas futuras.

2. Referencial Teórico

2.1 O curso de ciências contábeis no Brasil:

A contabilidade surgiu, conforme ensina Laffin (2005), primeiramente como disciplina isolada de outros cursos como Direito e Administração. Ela foi se manifestando de forma discreta como conhecimento a ser repassado e logo mais tarde se tornou curso específico, tendo como finalidade preparar profissionais com conhecimento adequado nesta área de atuação.

Marion (1996) complementa ao afirmar que a história da contabilidade é tão antiga quanto à origem do homem, descrevendo que ela tem a função de medir a riqueza e sua evolução. Ao corroborar a posição de Marion (1996), Laffin (2005) acrescenta que essa área do conhecimento surgiu da técnica de controle de riqueza possuída e administrada. Para Schmidt (2000) uma das primeiras manifestações contábeis brasileiras ocorreu no reinado de D. João VI, ocasião em que foi publicado um alvará obrigando os Contadores Gerais da Real Fazenda a aplicarem o método das partidas dobradas na escrituração mercantil.

No entendimento de Schmidt (2000) a contabilidade apareceu para o mundo como o estudo do comércio, dando seus primeiros passos em 1804, na publicação da obra Visconde de Cairu (José da Silva Lisboa), intitulada Princípios de Economia Política, e, com isso, iniciou os primeiros estudos nessa área e apresentou o primeiro sistema de direito comercial do Brasil.

Schmidt (2000) acrescenta que em 1863 foi criada a disciplina Escrituração Mercantil, no Instituto Comercial do Rio de Janeiro, com o intuito de qualificar os estudantes na prática dos registros contábeis. Complementando, Laffin (2005) relata que em 1902 a escola de Comércio Álvares Penteado, antiga escola prática de comércio de São Paulo, foi uma das primeiras a oferecer o curso de guarda-livros. Marion (1996) explicita que essas duas instituições apresentaram suma importância no desenvolvimento de cursos de nível médio e superior no país. Porém, o curso superior de contabilidade somente imergiu em 1945.

Schmidt (2000) descreve que a busca pela oficialização da profissão contábil foi o que levou o grêmio dos Guarda-Livros de São Paulo a buscar um curso regular para o profissional contábil. Em resultado dessa ação, em 9 de janeiro de 1905, um Decreto Federal passou a reconhecer os diplomas dos cursos de Guarda-Livros e de Perito-Contador oferecidos nas Escola de Prática de Comércio. Neste sentido, Leite (2005) acrescenta que no 1º Congresso

Brasileiro de Contabilidade foi introduzida a grande campanha para a regulamentação da profissão de contador e para reforma do ensino comercial. Em continuação a esse movimento surge à ideia de instituir um registro geral dos contabilistas, para selecionar os profissionais capazes de atuar na área contábil e alguns anos depois surgiu o sistema do CFC/CRC's.

Laffin (2005) narra o surgimento do primeiro estatuto, em 1931, que regulamenta a profissão de contador e organiza o ensino comercial, com isso aparece oficialmente o termo contabilista, que é dado aos formandos dos cursos de nível de Guarda-livros e Perito Contador. Posteriormente, o curso de perito foi denominado curso de contador, sem que houvesse nenhuma mudança na sua estrutura. Em virtude desses acontecimentos, Leite (2005) diz que foi criada a primeira Lei de Sociedades por ações (1940) para padronizar as normas contábeis no Brasil. Assim, o desenvolvimento industrial demandou novas metodologias e mais agilidade da profissão contábil e, com muita insistência da classe dos contadores, o curso foi elevado a nível superior em 1945, garantindo aos seus formandos o título de bacharel em Ciências Contábeis.

Leite (2005) acrescenta que, em 27 de maio de 1946, foi criado o Conselho Federal de Contabilidade - CFC que, na intenção de enobrecer a profissão contábil, definiu as atribuições do contador e do técnico em contabilidade. A intenção desse decreto foi à busca de melhorias para os profissionais contábeis, já que com isso essa profissão foi à terceira a ser regulamentada no país. Entretanto, o decreto foi muito criticado porque não explicitava de forma clara às diferenças nas funções dos técnicos e dos concluintes do curso superior de Ciências Contábeis. Esta confusão gerou muita polêmica, pois aumentou o número de concluintes no curso nível médio e diminuiu o número de formandos no nível superior.

De acordo com Hendriksen e Van Breda (1999), ao longo da história da contabilidade duas escolas, com ideologias opostas, influenciaram o ensino nas universidades. Uma é a Escola Italiana, que foi a primeira a instruir o pensamento contábil no Brasil, foi muito importante, sendo referência principalmente para a lei das sociedades por ações. A segunda seguiu os pressupostos e filosofia da Escola Norte Americana, surgiu a partir das entradas de multinacionais e empresas de auditoria norte americanas no país que exigiam profissionais de alto nível que tivessem a capacidade de tomar decisões a partir das informações contábeis. A principal diferença entre as duas filosofias reside na perspectiva do profissional diante da tomada de decisões, a escola italiana é basicamente técnica e bastante teórica enquanto a americana desenvolveu a importância de entrelaçar a teoria e a prática. Aborda esse assunto

Laffin, Favero, Lonardoni, Souza, Takakura(2009) e Marion(1996), entre muitos outros autores.

Leite (2005) descreve que em 1961, foi criada a Universidade de Brasília - UnB, incorporando a pesquisa ao ensino universitário, mas esse ambicioso projeto acadêmico começou a se esfacelar, por acontecimentos diversos.

Segundo Schmidt (2000), em 1965 houve a regulamentação do mercado de capitais no Brasil, criando assim a figura do auditor independente, porém esta só foi realmente regulamentada em 1972. Na esteira deste raciocínio surge em 1976 a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) autarquia federal responsável pela regulamentação do mercado de capitais brasileiro até os dias atuais, por meio de uma lei sancionada pelo governo federal que tinha como objetivo disciplinar e fiscalizar as atividades do mercado de valores mobiliários.

Logo depois da formalização da CVM surge um marco na profissão contábil a Lei das Sociedades por Ações – Lei 6.404/1976 e, cinco anos depois, aparece as normas Brasileiras de Contabilidade por meio de uma resolução emitida pelo Conselho Federal de Contabilidade, que estabeleceu que a inobservância constituía infração ao código de Ética Profissional do Contabilista. Laffin (2005) complementa que a CVM foi introduzida em substituição ao Banco Central na regulamentação das atividades exercidas pelas sociedades perante o mercado e afirma que o objetivo principal das Normas Brasileiras de Contabilidade - NBC foi criar um corpo doutrinário do conhecimento contábil, para orientar as diversas práticas contábeis, inclusive a de ministrar aulas.

Nesse contexto o curso de ciências contábeis da UnB iniciou suas atividades em 1977, com grade aberta, oferecendo o curso no período diurno e noturno, vinculado ao departamento de administração, somente em 1996 foi fundado o departamento em ciências contábeis e atuariais. Sendo a única Universidade Federal no Distrito Federal.

No exposto por Leite (2005) e Laffin (2005), o Conselho Federal de Educação fixou a Resolução de nº 3 que só entraria em vigor a partir de 1994, determinando padrões e normas a serem seguidas pelas instituições de ensino superior, quanto aos cursos de ciências contábeis, além de estipular que todas deveriam definir um perfil profissional a ser seguido, levando em consideração os alunos, docentes, o mercado e a região em que se encontram estipulando currículos mínimos que foram divididos em três categorias:

1ª categoria: foi dividido em matérias obrigatórias que estavam incluídas, Português, Direito, Ciências Sociais e Éticas e em matérias que poderiam ser tanto obrigatórias quanto eletivas, como Filosofia, Psicologia, Cultura Brasileira, entre outras.

2ª categoria: fragmentada também por matérias optativas e obrigatórias, no campo das obrigatórias foram incluídas as diretamente relacionadas com a área contábil, tanto no requisito básico, quanto no específico, já as optativas ficava a mercê da instituição.

3ª categoria: também repartida em duas partes, porém as duas de caráter obrigatório, uma envolve a formação instrumental que é composta pela computação e outra abrangendo a abordagem prática, que é composta por jogos de empresas, laboratório contábil, estudos de casos, trabalho de conclusão de curso, estágio supervisionado, entre outras.

Ao analisar a resolução de nº 3 Leite (2005) coloca em discussão dois pontos importantes quanto ao tipo de formação desejada ao profissional contábil e a diferença de posicionamento do corpo docente e das instituições de ensino quanto ao perfil do profissional que se deseja formar.

2.2 Percepção dos empregadores

Coelho (2000) aborda a relação entre o curso superior de ciências contábeis e o mercado de trabalho, no município do Rio de Janeiro, e constatou que:

Para 62% dos empregadores, o currículo do curso superior de ciências contábeis não atende as necessidades atuais do mercado de trabalho no que diz respeito à formação profissional do futuro contador, necessitando, portanto, de alterações.

De acordo com os empregadores, os principais motivos para que o curso não atenda às necessidades do mercado de trabalho são: inadequação do currículo, em face das atuais mudanças socioeconômicas (55% das respostas); o aprendizado exclusivamente teórico e acadêmico, que não prepara o graduando para as atividades profissionais (18% das respostas); desatualização tecnológica do curso de contabilidade, sendo preciso, por exemplo, maior utilização da internet, ensino a distância, teleconferências etc. (9% das respostas);

Apenas 38% das instituições de ensino superior pesquisadas realizam algum tipo de pesquisa junto às empresas para se inteirarem das reais necessidades do mercado de trabalho e ajustarem seus currículos;

Para 89% dos empregadores e 62% do corpo docente das instituições de ensino superior pesquisados, os atuais currículos dos cursos de ciências contábeis não preparam de forma eficiente o estudante para o ingresso no mercado de trabalho. Segundo os primeiros, por carência de conhecimento técnico-científico, em função de o ensino superior ser excessivamente teórico; já de acordo com os segundos, por causa das constantes mudanças socioeconômicas da sociedade contemporânea e da não-atualização constante das instituições de ensino.

2.3 A intervenção das legislações

Advindo desta situação Laffin (2005) relata que em 1997, logo após ser lançada a lei 9394/96, começaram as discussões sobre as Diretrizes Curriculares dos cursos de ciências Contábeis, pela comunidade acadêmica junto ao MEC/SESU/DPES/CEE/Ciências Contábeis e ao Conselho Nacional de Educação. Leite (2005) critica a postura do MEC referente o comprometimento com a qualidade de ensino, pois a partir dessa lei foram homologados sem qualquer crivo, todos os cursos abertos por novas instituições de ensino e mostra que de 1997 a 2002 houve um acréscimo de 308 novos cursos de ciências contábeis, sendo destes a

maioria por parte do setor privado. O autor afirma que decorrente disso nos deparamos com profissionais da área contábil, sem um mínimo de qualificação pedagógica ministrando aulas nas instituições de ensino superior do país.

Leite (2005) ainda explica que essas consequências são muito preocupantes e que não existe solução imediata para essa situação, que pode demorar séculos para se resolver e assim atingir um ensino de contabilidade digno as necessidades dos estudantes. O autor acrescenta que só em 1999 foi criado o exame de suficiência que constituía pré-requisito para atuação profissional na área, normalmente feito após a obtenção do diploma e pré-requisito para obtenção do registro nos Conselhos Regionais de Contabilidades (CRC's). O exame de suficiência foi instituído com o intuito de atestar que os estudantes adquiriram ao menos o mínimo de conteúdo necessário para exercer a profissão.

Na concepção de Schmidt (2000) percebe-se que a evolução da Contabilidade no Brasil ocorreu com evidente intervenção das legislações, que começaram a ser pautadas por meio dos diversos Decretos – leis, Resoluções, Instruções e teses de professores renomados, acompanhando assim a Contabilidade nacional em seus meandros.

2.4 Diretrizes Curriculares

No PARECER N° CNE/CES 67/2003, ao determinar as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação estabelece que apesar das instituições de ensino superior terem ampla liberdade na composição de seus currículos; tem que incentivar uma sólida formação básica; estimular práticas de estudos independentes, visando uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno; fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão, as quais poderão ser incluídas como parte da carga horaria, para assim o futuro formando estar apto a enfrentar as mudanças.

A Resolução CNE/CSE 10 de 2004, ao instituir as diretrizes dos cursos de graduação de Ciências Contábeis estabelece que no Projeto Pedagógico deve conter vários aspectos, entre eles alguns muito importantes como, o perfil do profissional esperado para o formando, em termos de competências e habilidade, concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado, formas de realização da interdisciplinaridade, atividades complementares e modos de integração entre teoria e prática. No Art 3º que o curso de graduação de Ciências Contábeis deve capacitar o futuro contabilista a:

I) Compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização;

II) Apresentar pelo domínio das responsabilidades funcionais envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuarias e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com plena utilização de inovações tecnológicas;

III) Revelar capacidade crítico-analítica de avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação.

2.5 A quantidade de técnicos e Contadores

Em conformidade com o exposto anteriormente Laffin (2005) depois de 1946 houve um aumento na quantidade técnicos em contabilidade, diminuindo assim o número de Bacharéis em Ciências Contábeis. O autor acrescenta que esse problema ainda atinge o mercado atual já que dos 338.775 profissionais habilitados a exercer a atividade na área contábil em julho de 2002, 57,32% eram técnicos em contabilidade, enquanto apenas 42,68% eram contadores.

Ao avaliar a legislação verifica-se que no artigo 12, §2 do Decreto Lei nº 9.295/46, incluído pela Lei n.º 12.249/10, os técnicos em contabilidade já registrados no Conselho Regional de Contabilidade e os que efetuarem o registro, até 1º de junho de 2015, terão assegurado o seu direito ao exercício da profissão. O CFC em 2014, ao fazer a atualização de dados dos registros dos profissionais contábeis, observou que há 309.074 contadores registrados nos CRC's e ativos, segue o extrato da quantidade de contabilistas registrados no Brasil (publicado em 1º de agosto de 2014):

Estado	Contador	Técnico	Total
AC	856	368	1.224
AL	2.437	1.320	3.757
AM	4.345	2.303	6.648
AP	980	361	1.341
BA	13.850	7.385	21.235
CE	7.741	4.692	12.433
DF	9.715	5.235	14.950
ES	6.953	3.008	9.961
GO	7.760	4.297	12.057
MA	3.947	2.293	6.240
MG	28.808	25.915	54.723
MS	4.364	2.712	7.076
MT	7.570	2.250	9.820
PA	8.048	2.299	10.347
PB	4.024	2.081	6.105
PE	7.262	6.437	13.699
PI	3.987	1.371	5.358
PR	22.191	9.752	31.943
RJ	33.638	20.883	54.521
RN	4.638	1.315	5.953
RO	3.288	1.319	4.607
RR	956	242	1.198
RS	22.824	14.977	37.801
SC	14.984	5.128	20.112
SE	2.202	1.357	3.559
SP	78.895	59.166	138.061
TO	2.811	752	3.563
Total	309.074	189.218	498.292

Fonte adaptado: <http://suficienciacontabil.com.br/2014/08/01/total-de-contabilistas-e-o-exame-de-suficiencia-2014-mercado-de-trabalho/>

Com isso percebe-se que em 2014 do número total de profissionais na área contábil, 37,97% é Técnico contábil e 62,03% é Contador e mais estritamente no Distrito Federal há o percentual de 64,98% Contadores, enquanto 35,02% Técnicos. Logo nota-se que as quantidades se inverteram do constatado em 2002, porém, ainda se tem um número elevado de técnico e espera-se que com o Decreto Lei nº 9.295/46, a quantidade de técnicos seja ainda mais reduzido, para assim valorizar cada vez mais o Bacharel em Ciências Contábeis.

2.6 A Contabilidade

a) Conceitos, exigências e problemas a serem enfrentados

Na visão de Laffin (2005), a Contabilidade é uma ciência sócio-econômica, que tem como área de estudo o trabalho e produção cultural o patrimônio das diferentes entidades, já para Franco ela é a ciência que estuda o patrimônio aziendal em seus aspectos estático e dinâmico. Schmidt (2000) complementa que a Contabilidade brasileira é reconhecida

mundialmente pela contribuição no campo da inflação, a chamada escola da correção monetária.

Para Favero *et al.*(2009), os Estados Unidos vislumbram a contabilidade como instrumento vital para o gerenciamento de informações, porém no Brasil ela ainda não atingiu esse status. Paschoal, Silva, Pereira, Fajol, Lacerda e Santos (1992) esclarecem que somente quando o profissional contábil estiver consciente do seu fundamental papel e importância no desenvolvimento da sociedade é que a sua classe será reivindicatória. Para Favero *et al.*(2009), o Brasil caminha para uma era a qual a contabilidade será considerada imprescindível e de vital importância para o gerenciamento das entidades. Verifica-se que no entendimento de Laffin (2005) o conhecimento contábil por meio de seus diversos atributos permite além de otimizar o controle econômico e financeiro do patrimônio, identificar a missão de cada organização.

As mudanças de acordo com Favero *et al.*(2009) só ocorreram quando as distâncias existentes entre os conteúdos propostos pelas instituições de ensino e as exigências do mercado deixaram de ser um problema. Na visão de Marion (1996) toda universidade deveria ter como objetivo básico “manter acessa a chama da motivação com o qual o aluno ingressa na faculdade”. No julgamento de Silva (2003) deveria existir maior criticidade na elaboração dos currículos das academias, levando em consideração que eles resultarão diretamente na formação de bacharéis e com isso, dar mais atenção e até repensar como está sendo aplicada a prática educativa diante de um mundo cada vez mais dinâmico e globalizado.

Na percepção de Favero, Lonadorni, Souza e Takakura (2009) as instituições de ensino estão distantes da realidade empresarial e os esforços de aproximação não têm sido suficientes para preencher a enorme lacuna que separa a academia do mercado de trabalho. Os autores acrescentam que as novas mudanças nas diretrizes curriculares não atingem os objetivos esperados, pois são feitas pelas universidades ignorando o mercado. Silva (2003) complementa que na tentativa de um modelo de ensino ideal, as instituições de ensino brasileiras acabam mais perto de um campo imaginário.

As universidades deveriam mostrar aos estudantes a importante relação entre a teoria ensinada e a prática que também será utilizada num futuro trabalho. Não se limitando a repassar apenas conhecimentos teóricos. E para fortalecer essa ideia Laffin (2005) afirma que:

“Em nossa cultura, a formação e a especialização do bacharel em Ciências Contábeis são certificadas pelo processo de escolarização. Assim, ao educar o cidadão, princípio

primeiro da universidade, esta deveria nortear também as relações de proximidade entre as necessidades do contexto social e a construção de conhecimentos para práticas sociais de inclusão. No entanto, a inter-relação entre a educação e trabalho na área da contabilidade muitas vezes tem se restringido à transmissão dos conhecimentos contábeis com ênfase no tecnicismo associado aos conteúdos mecanicistas, moldando a formação do profissional da contabilidade nos moldes da racionalidade técnica.”.

Corroborando o que já foi apresentado pelos autores acima Leal, Soares e Sousa (2009) mencionam que as lacunas existentes entre as expectativas dos empregadores e dos formandos deveriam servir de reflexão para as faculdades e seu corpo docente. Em adição a esse pensamento Silva (2003) ainda ressalta que muitos professores começaram a repensar suas práxis pedagógicas, para satisfazer as procuras dos alunos por educadores bem preparados e com condições de acompanhar as mudanças da sociedade.

Em uma pesquisa Marion (1996) apresentou que, em média, 41% dos estudantes de Ciências Contábeis estavam deixando a faculdade sem dominar adequadamente a técnica de debitar e creditar; mais da metade dos formandos deixavam os bancos escolares desmotivados diante da profissão que estavam abraçando; cerca de 68% achavam que não estariam preparados para assumir a contabilidade de uma empresa.

Desse modo, Marion (1995) constatou que os maiores problemas eram a falta de domínio da contabilidade básica, que é base de muitas disciplinas, muita ênfase na teoria, esquecendo a prática, causando desmotivação nos alunos, eram repassados excessivos detalhes que prejudicavam uma visão objetiva e abrangente do ciclo contábil, por parte dos alunos, deixando-os muitas vezes perdidos e confusos dos caminhos a ser seguidos.

Neste sentido Laffin (2005) diz que a área Contábil é muito abrangente e envolve diversas atividades que manipulam o conhecimento contábil de diferentes maneiras. De acordo com o autor o contador tem que estar familiarizado com uma série de padrões, normas, procedimentos e aspectos legais que o direcionam a uma tomada de decisões nas empresas. Complementarmente Favero, Lonadorni, Souza e Takakura (2009) citam que, se não houver um bom planejamento envolvendo os professores e coordenadores do curso de Ciências Contábeis no sentido de proporcionar para os alunos um curso de boa qualidade e em sintonia com as necessidades do mercado de trabalho, não se chega a lugar nenhum, mesmo a profissão oferecendo um universo de oportunidades muito amplo. Tal afirmação fundamenta-se na perspectiva do egresso do curso de ciências contábeis não conhecer e nem saber lidar com as situações que iram surgir no mercado de trabalho. Laffin (2005) reforça seu ponto de

vista ao afirmar que o ensino – aprendizagem dos conhecimentos sistematizados é adquirido nos múltiplos componentes do conhecimento e seus vínculos com a realidade. Laffin (2005) ainda afirma que, só então, o futuro contador além de saber o básico que são os processos necessários para emissão de demonstrativos, conseguirá ter a capacidade de através dessas informações pensar e articular soluções para as necessidades do mercado. Na mesma linha de raciocínio Leal, Soares e Sousa (2009) ainda escrevem que o mercado exige um conhecimento que transcende o tecnicismo e busca profissionais capazes de entender o negócio, orientando o gestor e participando das decisões com consciência.

2.7 A importância do envolvimento da teoria e prática

2.7.1 A Interdisciplinaridade e multidisciplinares nos Cursos de Ciências Contábeis

Leal, Soares e Sousa (2009) ainda esclarecem que o perfil desejado do egresso em ciências contábeis é responsabilidade social e a atuação técnica e instrumental, considerando outros ramos do saber e evidenciando o domínio de habilidades e competências inter e multidisciplinares. Silva (2003) apresentou estudo sobre a Interdisciplinaridade nos Cursos de Ciências Contábeis e averiguou que a prática se expande para além da sala de aula, incentivando a vivência em coletivo e fazendo com que os estudantes aprendam a conviver com as diferenças, fazendo com que eles se tornem atores e autores de sua própria aprendizagem, isso para os alunos e professores.

No entendimento de Silva (2003) a interdisciplinaridade repassa os conhecimentos de diferentes formas do saber e leva em consideração o ato de aprender sem obrigação, imposição, coerção ou determinação, pois considera que elimina a liberdade de interação construtiva entre as disciplinas. Silva (2003) ainda conclui ao mostrar que é possível inserir a interdisciplinaridade no currículo contábil, e fala que no início houve muita oposição e por isso se tornou um grande desafio, porém a vontade de ousar da coordenação foi determinante para alcançar os resultados em busca da inovação.

2.7.2 O entendimento dos professores quanto à prática contábil

Laffin (2005) apresenta resultado de pesquisa realizada junto a professores dos Cursos Superiores de Ciências Contábeis, identificando na opinião da maioria dos professores a importância da necessidade de combinar teoria e prática no ensino da contabilidade, além de, no entanto, estabelecerem uma distinção entre as matérias práticas e as matérias teóricas. Nas teorias as ferramentas mais utilizadas eram discussões e aula expositiva baseadas em livros e artigos, já as práticas eram compostas por uma maneira do professor em lidar com a sistematização da teoria, de uma maneira de abstrair a teoria em simulações, mediante exercícios práticos. Nessa linha de raciocínio, enfatiza Laffin (2005) que esses recursos utilizados pelos professores são maneiras possíveis de compreender a prática contábil, mas não configuram a prática, pois somente são a busca de comprovação de teoria na prática. E afirma categoricamente que a prática contábil no ensino da contabilidade faz parte de outra realidade ainda ausente no ensino superior brasileiro.

Nesse contexto Laffin (2005) cita que por haver uma confusão entre teoria e prática nos procedimentos contábeis, os alunos acabam por não serem incentivados a questionar o conhecimento que utilizam, por não surgirem de problemas ou situações resultantes da prática. No pensamento de Laffin (2005), o rompimento da ambiguidade entre teoria e prática só ocorrerá em uma situação onde as pessoas não estejam satisfeitas e buscarem por situações aonde realmente se confronte a teoria nas instâncias práticas. O autor afirma que enquanto se ensina tanto a teoria quanto a prática se amplia o aprendizado, pois os profissionais contábeis tem que estar contextualizados para conseguir resolver as situações problemáticas da realidade que os cerca. Da mesma forma Leal, Soares e Sousa (2009) asseguram que o contabilista tem que além de entender os métodos técnicos, ser vislumbrado como um propagador de informações contábeis, que tem visão crítica global do ambiente no qual está inserido.

2.8 As exigências do mercado de trabalho para a área contábil.

Para Paschoal, Silva, Pereira, Fujol, Lacerda e Santos (1992) o que é exigido do profissional contábil é pensar, levantar dúvidas, questionar, tanto os problemas contábeis, quanto as legislações vigentes, para assim ir em busca de soluções. E conclui que essa situação só será viável se houver uma mudança drástica nos cursos e que desde os primeiros semestres os estudantes sejam incentivados a tais comportamentos. Leal, Soares e Sousa

(2009) complementam que as instituições de ensino superior devem prestar atenção as necessidades de mercados, para adequar seus métodos de ensino e seu currículo.

No entendimento de Favero, Lonadorni, Souza e Takakura (2009) a contabilidade brasileira passa pela a comunhão entre as ideias da academia que se referem ao despertar para a pesquisa e desenvolvimento e as necessidades do mercado que incluem as informações dos usuários, que seriam abordadas pela aproximação entre teoria e prática, incentivando o desenvolvimento intelectual dos estudantes para proporcionar o surgimento de novos pesquisadores. Na visão de Paschoal, Silva, Pereira, Fujol, Lacerda e Santos (1992) o futuro exige um incentivo maior da pós graduação na área contábil para se ter como resultados mais pesquisas específicas nessa área.

2.9 As críticas feitas ao ensino “tradicional”

Segundo Laffin (2005) os professores dizem que ensinam de forma tradicional e referem-se ao ensino como a transmissão de conhecimentos. A educação se torna um sistema de instrução onde os professores expõem os conteúdos e esperam que os alunos o memorizem um conjunto de conteúdos, com o objetivo de se avaliar os comportamentos e respostas esperadas e isso para eles é aprendizagem. Silva (2003) corrobora tal afirmação ao dizer que o século XIX foi marcado por conceitos rígidos onde o professor é aquele que ensina a ideia de escola como local que aprende e o aluno é aquele que aprende, conceitos que ainda em muitas circunstâncias atuais continuam em vigor. Em um estudo feito por Siqueira, Batista, Morch e Batista (2009) sobre a aprendizagem baseada no problema verificou-se que na maioria dos cursos de contabilidade no Brasil, o aluno é só um ouvinte, sendo forçado a decorar regras que nem ao menos entende, isso decorre da preferência de uma aula expositiva por grande parte dos docentes, é evidente a fragilidade desse método, que é conhecido como tradicional que, na maioria dos casos, cria uma barreira enorme no envolvimento do aluno na sua formação acadêmica.

Paschoal et al (1992) afirmam que a própria didática utilizada pelos cursos de contabilidade no país não incentiva o estudante a pensar e questionar, pois o que ocorre é um adestramento dos alunos de acordo como os professores pensam e um condicionamento para a resolução de exercícios da maneira que considera correta, não existindo reflexão. Enfatizam, ainda, que a situação se caracteriza num fingimento pelas duas partes, por parte do aluno que

[LOGF1] Comentário: Tem que aprender a citar.

“aprende” e por parte do professor que “ensina”, pois na maioria das vezes os professores tem muito conhecimento, porém lhes falta didática para repassá-los adequadamente.

2.10 Métodos da participação do aluno no processo de aprendizagem

Na visão de Marion (1996) existem dois métodos de participação do aluno no processo de aprendizagem, o primeiro é do aluno como agente passivo, conhecido como tradicional, situação que o professor transmite conhecimentos, aponta erros e espera dos alunos que memorizem regras, definições e procedimentos sem muitas vezes ao menos entendê-los. Esse estilo de ensino é muito criticado, pois tem como base de conhecimentos as preleções dos professores e com isso impossibilitam os estudantes de se tornarem pensadores-críticos. Já o segundo método tem o aluno como agente ativo, permitindo o aluno questionar, analisar, julgar e tomar decisões, transformando o professor num facilitador da aprendizagem, dando assistência nas discussões, debates, ajudando na indicação de matérias de ensino que serão utilizados, esclarecendo dúvidas, explicando situações, passando e corrigindo tarefas, porém dando liberdade para o estudante pensar, expressar, refletir, escolher e agir.

Marion (1996) cita algumas formas de fazer o estudante se tornar ativo em sua formação acadêmica, por meio de estudo de casos, onde aprendem a aplicar conceitos e teoria em diversos problemas, por jogos de empresas que aumentam o conhecimento acerca do mundo dos negócios, no uso da informática através de aplicativos que questionam o usuário e ajudam a solucionar problemas, entre outros métodos que envolvam a prática e o aluno além de estar sempre como propulsor, ainda aprende de forma descontraída e desenvolve cada vez mais interesse. Silva (2003) ainda cita que os professores ao reverem sua prática educativa devem procurar construir novos saberes, devem constituir o papel de incitar dúvidas, desafiar, questionar, refletir, saber o momento exato de interferir e entender que ao mesmo tempo que ensinam, também aprendem.

Em um dos depoimentos dos professores recolhidos por Laffin (2005), é sugerido que os objetivos de aprendizagem deveriam ser decididos por uma parceria entre professor e aluno, para que assim o aluno se sinta responsável pelo resultado desse processo. Em complemento a isso Marion (1996) afirma que devem ser traçadas estratégias de ensino que motivem o estudante, ainda cita que rápidas abordagens, que despertem curiosidade e encorajem a busca por novos conhecimentos e demonstrar a utilidade de tudo que se ensina, são excelentes táticas de ensino. Silva (2003) menciona que a busca de novas técnicas e

métodos que remetam o prazer por aprender é o diferencial que faz com que os discentes tomem gosto pela profissão.

As conclusões encontradas por Laffin (2005), apontam alguns conceitos estabelecidos sobre o ensino-aprendizagem:

Ensino = É a transmissão/assimilação correspondente às respostas previsíveis e emitidas pelo aluno.

Metodologia = Primazia sobre os recursos e meios, com ênfase na exposição do professor centralizando as atividades em exercícios e repetições.

Avaliação = Serve para medir a aprendizagem, sendo enfatizada a memorização e convergindo para a educação compensatória, objetivando a recuperação de rendimento.

2.11 O Corpo docente Contábil e sua metodologia de ensino

Laffin (2005) constatou que o problema é que os professores pesquisados não tiveram acesso a uma sólida formação contábil, muito menos a uma formação específica e tampouco filosófica, não permitindo compreender que o currículo é um artefato cultural construído na história e que pode ser reformulado, afim de que a aprendizagem se torne um processo de construção do conhecimento para o aluno. Porém, a falta desse entendimento, fragiliza a estrutura, que muitas vezes não se baseia em prática pedagógica e sim em formas simplificadas de executar o currículo prescrito. Em referência a esse pensamento Marion (1996) explica que os programas de contabilidade básica são extensos e tem prazos muito curtos para serem repassados, com isso observa que os professores se preocupam em cumprir o programa, não se importando com o grau de absorção do conteúdo pelos estudantes. E ainda é evidente no estudo de O Curso de Ciências Contábeis no Brasil, feito por Paschoal, Silva, Pereira, Fujol, Lacerda e Santos (1992), que os educadores possuem alguns vícios que assustam seus alunos, como atitude repressiva, autoritarismo, despreparo, aplicação de penalidades, avaliações subjetivas, entre muitas outras.

Marion (1996) afirma não haver necessidade de abordar elevado número de pormenores, que serão vistos fartamente ao longo do curso, deveria ser imprescindível à visualização de todo o processo contábil e que o aluno adquirisse um raciocínio contábil. Em concordância com esse raciocínio Marion (1996) acrescenta que o desinteresse do aluno e sua baixa qualidade no aprendizado se devem a um volume muito grande de informações que é dado num espaço muito curto de tempo.

Para Favero et al (2009) deixam claro que somente com adequado planejamento e controle, envolvendo professores e a sociedade, as universidades terão condições de oferecer um ensino de qualidade. Corroborando com esse entendimento, Marion (1996) ainda enfatiza que se fosse possível na estrutura de ensino brasileira, ensinar contabilidade básica por meio de instrução programada, cada aluno somente avançaria no seu tempo e quando estivesse realmente dominado o tópico atual, com isso chegariam à contabilidade aplicada com o aprendizado de mais qualidade. Martins (2014) descreve que o conhecimento das metodologias de ensino é a estrada mais certa para alcançar os objetivos desejados.

Paschoal et al (1992) mencionam que se houvesse uma parceria entre as universidades e os órgãos contábeis (sindicatos, IBRACON, conselhos regionais e federais de contabilidade), nas decisões acadêmicas acerca da adequação dos currículos ao mercado, seria um avanço para a Contabilidade.

2.12 Métodos de ensino

Mendes (2000) explica que o método de ensino é uma maneira pela qual se estabelece as condições para o entrosamento entre os atores do processo ensino/aprendizagem. E Marion (1996/2001) demonstra que os métodos utilizados pelos professores são fundamentais na aprendizagem do aluno e determinantes para a obtenção do sucesso, ainda explica que existem três formas de recepção da informação, visual, auditiva e cinestésica (pelo movimento/ toque). Além disso, elenca alguns métodos de ensino a seguir:

Aula expositiva: É favorita entre os mestres, favorece a desatenção, por ser um meio monótono, aonde o professor expõe a matéria, para uma futura cobrança.

Exposições e Visitas: Incita os alunos, pois envolve os três tipos de recepção, os alunos observam um ambiente de trabalho real, ouve as experiências e situações, analisando papéis para sugerir ou até estudar possíveis soluções para os problemas mencionados.

Dissertações ou resumos: É usado na maioria das vezes como complemento a outro método, como um resumo de uma visita ou até um resumo de pré-aula com a intenção desperta o interesse do aluno.

Seminários: A grande intenção é de gerar discussões e reflexões sobre determinado conteúdo.

Ciclo de palestra: A motivação é um resultado imediato.

Discursões com a classe: Desenvolve o senso de coletividade e faz os alunos expor seus pensamentos, aprendendo a argumentar para defender suas ideias e aprendendo também a lidar com críticas.

Resolução de exercícios: Complementa outros métodos, mas a maior abordagem é a da prática do conteúdo estudado.

Estudo de caso: É a abordagem de situações reais ou fictícias que incentivam o aluno a pensar, refletir, buscar soluções e criando assim uma visão ampla da teoria por meio do problema.

Estudo dirigido: Divisão de grupos, trabalho em equipe, porem cada um no seu tempo.

Retroprojeter: é muito utilizado na atualidade, porem não é tão eficaz em todas as disciplinas, o que acontece muitas vezes é que o aluno imagina que está entendendo, mas na hora da prática não é bem sucedido.

Giz e Lousa/Anotações em quadros: esse apesar de ser um método antigo é muito bom, pois o aluno consegue acompanhar o passo a passo, com tempo suficiente para refletir sobre cada um, o seu único aspecto negativo é o professor ficar de costas para a turma.

Microcomputador: é indispensável como auxiliar no ensino-aprendizagem, complementando os temas teóricos, por meio de softwares educacionais através de exercícios, simulações e teste, ainda deixando o aluno uma liberdade maior de arriscar, pois desinibe quanto ao erro.

Jogos de empresas e simulações: Abordam por meio de softwares que simulam situações reais ou fictícias de uma empresa, para que o aluno possa ver as consequências de suas decisões. Desenvolvendo a tomada de decisão embasada em dados contábeis.

Estágios: Possibilitam aos alunos uma vivência com o mundo real, enfrentando situações reais que encontraram no seu futuro profissional. Se tornando um excelente complemento ao ensino, colocando em práticas os conceitos aprendidos na teoria.

2.13 Competências e habilidades esperadas de um bom profissional da área Contábil e a importante inserção da teoria na prática

Leal, Soares e Sousa (2009), em pesquisa sobre as Perspectivas dos Formandos do Curso de Ciências Contábeis e as Exigências do Mercado de Trabalho constataram que as competências e habilidades esperadas de um bom profissional da área Contábil são:

[...] demonstrar uma visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil; aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis; desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial; exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, dentre outras.

As duas competências e habilidades elencadas como mais importantes para os empregadores são capacidades de identificar problemas, formular e implantar soluções, seguidas de assumir o processo decisório das ações de planejamento, organização, direção, controle, elaborar e interpretar cenários. E quando averiguado a opinião dos estudantes se obteve a mesma resposta.

Marion (2001) ao analisar o artigo *Perspectivas no Ensino: Capacitação para o sucesso na Profissão Contábil*, no qual as maiores empresas de auditoria se reuniram com a intenção de aperfeiçoar a qualidade do profissional contábil afirma que:

“o documento em análise aborda que mudanças fundamentais nos atuais currículos não suficientes para atingir um estágio ideal. O estilo de ensino atual baseado nos livros-texto, no ensino intensivo de certas regras e nas preleções não deveriam sobreviver como fonte primária do ensino da Contabilidade. Novos métodos deveriam ser explorados. Um envolvimento maior por parte do estudante nas atividades ensino-aprendizagem é reivindicado, como, por exemplo, em seminários, simulações, trabalhos escritos (pesquisas), análise de casos, e sempre de posse da tecnologia mais avançada”.

Paschoal, Silva, Pereira, Fujol, Lacerda e Santos (1992), ao abordar o estudo do Curso de Ciências Contábeis no Brasil concluíram que o entendimento das técnicas ensinadas durante a graduação só é realmente compreendido quando é executado, ou seja, ao se desenvolver os posicionamentos teóricos nas práticas educacionais e, com isso, enxergar que a aprendizagem é natural quando imposta numa situação problema. Em consonância a esta posição Silva (2003) afirma que os cursos de Ciências Contábeis necessitam de mudanças imediatas e uma maneira de sanar esse problemas é implementar a prática mais efetiva, diretamente relacionada ao envolvimento do educando. Martins (2014) ainda cita que uma excelente maneira de se obter a vivência prática no mundo contábil é por meio dos estágios.

Laffin (2005) afirma que não é para excluir a formação técnica, mas sempre agregá-la a prática e as mudanças que ocorrem no mundo contábil. Ou seja, fazendo uma articulação da teoria com a prática, entre a universidade e o mundo das organizações empresariais. Com entendimento idêntico Marion (1996) garante que o curso de contabilidade tem sua essência

conceitual, porém a práticas desses conceitos é indispensável para a sedimentação da aprendizagem e ainda menciona o laboratório contábil como uma maneira de desenvolver essa prática, que considera tão significativa na formação do futuro profissional contábil. Bem ensina Laffin (2005) que a experiência de vivenciar os fenômenos contábeis em todos os seus diferentes âmbitos e possibilidades, somente é possível pelo exercício da prática contábil.

2.14 Os problemas encontrados no ensino das Ciências Contábeis

Paschoal, Silva, Pereira, Fujol, Lacerda e Santos (1992), apresentam os problemas que tem que ser enfrentados: professores desqualificados, alunos desmotivados, didáticas ineficazes, currículos irreais, inexistência de pesquisa, desvios de objetivos, falta de práticas educacionais, contato direto com a realidade para executar as técnicas aprendidas, entre muitas outras. Mendes (2000) assevera que muitos autores e pesquisadores renomados estão preocupados com o despreparo dos recém-formados para o pleno exercício profissional que é causado por um baixo nível de aprendizado, esse quadro se inverte quando se criar um ambiente em que motive o aluno a aprender, para assim entusiasmar o aluno e lhe mostrar boas perspectivas quanto à profissão que vai abraçar.

Na visão de Lousada e Martins (2005), o que falta, para os alunos do curso de ciências contábeis é o desenvolvimento da parte prática. Apesar de a maioria das Instituições trabalharem com o chamado Laboratório Contábil, as simulações existentes, não são suficientes para atingir a qualificação necessária. Mendes (2000) ensina que o método de ensino prático leva o aluno a aprender nas mesmas condições que irá encontrar em seu futuro exercício profissional, por meio de realizações de tarefas que simulem situações reais. E ainda diz que à medida que esse método é executado o aluno experimenta a utilização da prática dos conceitos teóricos adquiridos ou fixados por outras técnicas de ensino, como as aulas expositivas. Em conclusão a essas ideias Oliveira (2009) diz que a busca da experimentação de novas tecnologias é que vai melhorar a qualidade do ensino.

Em adição a esse pensamento Marion (2001) afirma que as aulas práticas deveriam ser aplicadas em quase todas as disciplinas dos cursos de Ciências Contábeis, sendo direcionadas como complemento às aulas teórico-expositivas, para assim mostrar aos alunos o lado prático das disciplinas. De acordo com Frey e Frey (2002) as mudanças constantes no ambiente dos negócios exigem um desenvolvimento cada vez maior de novas competências e habilidades para os profissionais da Contabilidade e esse requisitos podem ser aprimorados e ampliados

numa proposta metodológica à matéria de Estágio Supervisionado. Segundo um estudo feito por Santos (2003) à prática contábil é um problema apontado em vários artigos publicados, em periódicos, discutidos em congressos e encontros especializados no assunto. Diversas soluções têm sido sugeridas, como Laboratório Contábil, O Método do caso, Microinformática aplicada, Trabalho de Conclusão do Curso, Escritório Modelo, Jogos de empresas e Estágio Supervisionado.

2.15 As disciplinas práticas no curso de Ciências Contábeis

As disciplinas sugeridas na prática Contábil apesar de não serem muitas, quando usadas corretamente fazem uma enorme diferença e se conhecemos poucas disciplinas que realmente trabalhe a prática contábil, imagine que menos ainda são utilizadas nas universidades como objeto de estudo obrigatório, quando não é só o Laboratório Contábil que consta no currículo como matéria obrigatória e as outras todas ficam no campo das optativas, que podem ser feitas pelos alunos por escolha própria e se for ofertada naquele semestre. Pois outro problema que foi observado é que quando as matérias são optativas e não tem obrigação de ter todo semestre, nem sempre são ofertadas e tem algumas que na verdade quase nunca aparecem na oferta, quando se era para esperar que todas as matérias importantes como as que constituem a prática fizessem parte do currículo contábil.

2.15.1 Jogos de Empresas

Na visão de Mendes (2000), um jogo é um complemento a outros métodos de ensino, um poderoso motivador, que estimula o exercício de habilidades necessárias ao desenvolvimento intelectual, quando se trabalha as características mais exigidas no mundo dos negócios, a intuição e o raciocínio. Em contrapartida é um método que demanda um tempo maior de dedicação. Campos, Santos e Terra (2014) afirmam que a utilização de jogos de empresas como disciplinas em cursos de graduação é de suma importância em função de possibilitar contribuições para o estudo de tomadas de decisão organizacionais pelos integrantes das equipes, visando o alcance dos objetivos e soluções de problemas empresariais. Conclui Bouzada (2013) que é através dos jogos de empresa difundir e divulgar a ideia de discutir o uso de poderosos formatos de ensino e treinamento.

Santos (2003) e Mendes (2000) explicam que os primeiros jogos de empresas foram adaptados dos jogos de estratégia militares para o ambiente empresarial e que avançaram muito com a ajuda dos computadores que permitiam elaborar modelos de jogos mais complexos e com alto grau de precisão, além de processar os dados com mais rapidez, tornando os jogos mais dinâmicos e atrativos. Com a ajuda da tecnologia é possível simular os resultados das decisões tomadas em vários períodos e ver os resultados imediatos, para assim detectar os erros cometidos para não o repetirem. E os caracterizam como abstrações matemáticas simplificadas de uma situação relacionada com o mundo dos negócios. Campos, Santos e Terra (2014) mostra que os participantes, trabalham em equipes, baseados nas simulações que são construídas a partir da simplificação da realidade por modelos matemáticos.

2.15.2 Estágio Supervisionado

Segundo Frey e Frey (2009) o estágio supervisionado faz com que os alunos enfrentem as dificuldades da atividade contábil, exigindo um conjunto de conhecimentos que serão testados e aplicados a situações reais. Para Alvarenga, Bianchi e Bianchi (1998) “o estágio é um período de estudos práticos para aprendizagem e experiência. Envolve supervisão e, ainda, revisão, correção, exame cuidadoso.” Além de ser uma atividade que traz imensos benefícios para a aprendizagem, para a melhoria do ensino e acarreta resultados positivos para formação do profissional. Significado de Estágio obtido no dicionário online de Português: s.m. Período de estudos práticos, exigido dos candidatos ao exercício de certas profissões liberais: estágio de engenharia; estágio pedagógico. Período probatório, durante o qual uma pessoa exerce uma atividade temporária numa empresa. Aprendizagem, experiência.

De acordo com a Resolução CNE/CSE de 2004 em seu Art. 7º O Estágio Curricular Supervisionado é um componente curricular direcionado para a consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do formando. E ainda no § 2º As atividades de estágio poderão ser reprogramadas e reorientadas de acordo com os resultados teórico-práticos gradualmente revelados pelo aluno, até que os responsáveis pelo estágio curricular possam considerá-lo concluído, resguardando, como padrão de qualidade, os domínios indispensáveis ao exercício da profissão. [\[Segundo a Lei nº 11.788, de 2008\]](#), Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo e § 2º O estágio visa ao aprendizado de

competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. E o Decreto nº 87.497, de 1982 no Art . 2º Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

Frey e Frey (2009) complementam que além de propiciar uma vivência prática ao aluno, também reflete numa reflexão, sistematização e confrontação da teoria e os conhecimentos adquiridos durante o curso. No encontro das ideias Masetto (2012) afirma que apesar do estágio ser uma prática comum em todos os cursos, infelizmente não é bem aceito pelos discentes, pois é visto como uma obrigação e uma tarefa indesejável, uma vez que é executado fora do ambiente acadêmico. Por isso, deveria resgatar a importância e validade dessa metodologia de ensino, já que ela integra a teoria com a prática e quando bem executado colabora para o aperfeiçoamento dos conhecimentos dos alunos. Kunz (1999) assegura que os estágios é o elo entre a vida universitária e a vida no mercado de trabalho, a introdução no mercado de trabalho além de ser o rito principal de iniciação profissional.

2.15.3 Laboratório contábil empresarial

Realização de trabalhos práticos na área de contabilidade empresarial, sob a orientação de um professor responsável. Procedimentos para abertura de empresas. Escrituração contábil e fiscal de empresas. Utilização de softwares específicos de contabilidade. Registro, análise e auditoria de informações contábeis. Análise e crítica do sistema de informações empresariais por meio de softwares de contabilidade. No qual o Programa: Constituição da empresa - Proceder a todas as operações necessárias para a constituição e registro de uma empresa, de acordo com as informações pertinentes. Escrituração Fiscal - Registrar as operações de entrada e saída de mercadorias, apuração de ICMS e ISS. Escrituração Contábil - Efetuar a escrituração dos livros: diário e razão das operações de uma empresa, com base em cópias de documentos; e apuração de tributos. Estudo da legislação - Seminário de temas de legislação social, trabalhista e tributária. Os temas abordados serão: A Legislação e encargos trabalhistas B Simples (ESTADUAL e FEDERAL) / I.T.R C Obrigações Acessórias; Livros Contábeis, fiscais e outras D Impostos sobre circulação de mercadorias e serviços - ICMS e

ISS E Substituição tributária e regimes especiais de tributação F IRPJ / CSLL (Lucro Presumido / Lucro Arbitrado) G IRPJ / CSLL (Lucro Real) H PIS / COFINS I Retenções de tributos J Tributação de entidades do terceiro setor A critério do professor responsável pela turma poderão ser sugeridos outros temas ligados ao estudo da legislação tributária.

2.16 Análise da Grade da UnB

Ao analisar as matérias obrigatórias e optativas oferecidas na Universidade de Brasília, verificou-se que são exigidos 200 créditos para a formação do aluno dentre eles 126 créditos são disciplinas obrigatórias que são compostas por 120 (cento e vinte) créditos de cadeiras teóricas e somente 6 (seis) créditos de matérias práticas e entre os 74 créditos facultativos, se encontra 10 (deis) créditos de matérias que constituem a prática contábil. Ou seja, nas matérias obrigatórias somente 3% envolve prática Contábil e nas optativas que nem sempre são ofertadas só é possível fazer 5 % delas práticas. Para elucidar melhor essa situação foi feito um quadro, que será exposto a seguir:

DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS x PRÁTICAS	Crédi tos	Depto/Disciplina
Total de créditos disciplinas teóricas obrigatórias	120	-
- disciplina prática obrigatória	4	187208 - LAB CONTABIL - EMPRESARIAL
- disciplina prática obrigatória	2	187216 - PESQUISA EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS
Total de créditos disciplinas práticas obrigatória	6	
Total de créditos disciplinas obrigatórias	126	
- disciplina prática optativa	6	181790 - EST SUP EM CONTABILIDADE 2
- disciplina prática optativa	4	187836 - JOGOS CONTÁBEIS DE EMPRESAS
Total de créditos disciplinas práticas Optativa	10	
Total de créditos disciplinas teóricas Optativa	64	
Total créditos disciplinas facultativas	74	
Total créditos exigidos no curso	200	

3 Metodologia da Pesquisa

3.1 Enquadramento metodológico

Para iniciar a elaboração do trabalho tem que ser definida a metodologia de pesquisa, que de acordo com Andrade (2007) a metodologia se caracteriza num conjunto de métodos ou caminhos percorridos em busca do conhecimento. O objetivo do trabalho caracterizou-se como sendo uma pesquisa descritiva – exploratória, pois procura elucidar a situação existente na UNB (Universidade de Brasília), onde verifica se a quantidade de matérias práticas é suficiente para formar um contador apto a ingressar no mercado de trabalho e também averiguar se a matéria estágio supervisionado não deveria ser uma disciplina obrigatória.

Para se atingir o objetivo do trabalho, foi feito um estudo da história da contabilidade no Brasil, para ter um entendimento e uma base melhor para futuros questionamentos, foi feita um estudos em livros de autores renomados no mundo contábil a respeito do tema examinado, foi estudado as leis, decretos e ademais que regem a contabilidade no Brasil, assim como os órgãos que as regulam e que se encontram presentes na sua história e estrutura. Com isso foram criados dois questionários, um para avaliar a opinião dos professores, outro para verificar a dos alunos e formandos do curso de Contabilidade da Universidade de Brasília sobre os questionamentos em análise.

Segundo Raupp e Beuren (2003), o estudo exploratório é o primeiro passo no campo científico para os demais estudos, pois reuni mais informações para apresentar algo inédito. E ainda abordam que esse estudo na Contabilidade visa esclarecer ou explorar determinado assunto. Para Gil (1999) a pesquisa exploratória proporciona uma visão geral acerca de determinado fato, portanto esse tipo de pesquisa é feita quando o tema escolhido é pouco explorado e com isso dificulta-se a possibilidade de formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Andrade (2002) e Gil (2008) ainda complementa que este tipo de pesquisa se constitui pela busca de mais conhecimento de determinado assunto e serve como base para análise mais ampla. Além de ter como finalidade, desenvolver, esclarecer e modificar ideias visando à fixação de objetivos e formulação de problemas específicos.

Enquanto o principal objetivo da pesquisa descritiva de acordo com Gil (1996) é descrever as características de determinada população ou fenômeno e até mesmo o estabelecimento de relações entre as variáveis. Marconi e Lakatos (1996) ainda falam que este

tipo de pesquisa aborda quatro aspectos, o primeiro é a descrição, o segundo é o registro, o terceiro é a análise e o último é a interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente. Raupp e Beuren (2003) complementam que a pesquisa descritiva está enquadrada como intermediária entre a pesquisa exploratória e explicativa não é tão preliminar quanto a primeira e nem tão profunda como a segunda. E aborda ainda que descrever significa ainda relatar, comparar, identificar e muito mais, aonde o pesquisador informa situações, fatos e opiniões sobre determinada tema estudado.

Em relação à análise de dados foi utilizada a abordagem qualitativa e quantitativa, por meio da coleta de dados feita a partir dos questionários aplicados tanto aos docentes, quanto aos alunos e formandos do Curso de Ciências Contábeis na Universidade de Brasília. Conforme exposto por Richardson et al (1999) que estudam as análises qualitativa e quantitativa, onde a primeira descreve a complexidade de um problema, analisar, compreender e classificar a interação de variáveis e dos processos vividos por um determinado grupo. Já a segunda se caracteriza pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta, quanto de tratamento das informações, por meio de técnicas estatísticas. E segundo Castro (2002), complementa que a pesquisa qualitativa procura observar a realidade, o estudo dos fatos e dos fenômenos que afetam a amostra estudada e que se fundamenta em meios estatísticos para a análise dos problemas analisados.

Quanto aos procedimentos é feita uma pesquisa documental e de levantamento. Para Martins e Theóphilo (2009) a estratégia da pesquisa documental é caracterizada pelos estudos que utilizam documentos como fonte de informações, evidências e dados. Essa pesquisa emprega fontes primárias, ou seja os materiais compilados pelo próprio autor do trabalho, que não foram analisados ou que podem ser reelaborados de acordo com os propósitos da pesquisa. Já a pesquisa de levantamento é caracterizada por Gil (1999) como a interrogação direta das pessoas no qual se deseja conhecer o comportamento, ela se constitui da solicitação de informações a um grupo estrito e significativo de pessoas sobre o problema estudado, para assim por meio da análise quantitativa, chegar as conclusões por meio dos dados coletados.

Para que haja um melhor entendimento da metodologia aplicada, apresenta - se o quadro:

Quadro: Enquadramento metodológico

	Objetivos	Procedimentos	Coleta de Dados	Análise de dados
Métodos:	Descritiva	Pesquisa documental e de levantamento	Questionário	Qualitativa e Quantitativa

Fonte: Elaborado pela autora

3.2 Procedimento de coleta de dados

A pesquisa documental foi feita com base nos seguintes documentos: matrizes curriculares do curso de ciências contábeis, ementas, regulamentos, leis, decretos, artigos e livros. Já no levantamento foi aplicado um questionário que segundo Vianna (2001) que consiste em uma série de questões escritas para serem respondidas pelas amostras da pesquisa, via meios eletrônicos ou pessoalmente. Segundo Martins e Theóphilo (2009, p.61)

“o conteúdo das perguntas de levantamento cobre quatro áreas fundamentais de conteúdo: dados pessoais, dados sobre o comportamento, dados relativos ao ambiente (circunstâncias em que os respondentes vivem) e dados sobre o nível de informação, opiniões, atitudes, mensurações e expectativas.”

Foi elaborado dois questionários para se ter uma visão mais ampla e de lados opostos, um aplicado aos professores que lecionam no curso de Contabilidade na Universidade de Brasília e o outro aos alunos que já se formaram ou ainda estão cursando o mesmo. O primeiro que é composto por 28 questões aonde se pretende identificar o perfil e características dos docentes; seu contato com algumas disciplinas práticas como laboratório Contábil e estágio supervisionado, tanto como professor como quanto aluno; se a matéria estágio supervisionado deveria ser obrigatória; se a quantidade de disciplinas práticas no currículo da Unb é suficiente para uma boa qualificação do estudante e na opinião qual a quantidades de matérias práticas deveriam existir na grade horária.

Já o segundo questionário buscou averiguar as opiniões, críticas e problemas que foram vivenciados pelos alunos devido aos problemas estudados em busca de uma melhorias. Foi elaboradas 22 questões para este questionário divididos em cinco partes para assim buscar entender melhor a visão dos alunos, a) perfil do aluno, inclusive se já se formou ou que semestre cursa; b) se já cursou a matéria estágio supervisionado, se sim, detalhes desse período; c) se sente falta de matérias práticas no curso; c) se ao se formar o pouco contato com o ambiente real de trabalho acarretou prejuízos; d) sente-se preparado para o mercado de trabalho após se formar; e e) sentiu falta de algo após se formar que pudesse ter sido aprendido na graduação.

Nos questionários aplicados foi utilizados varias possíveis respostas para diferentes perguntas, algumas na Técnica da Escala de Likert, outras em caixa aberta para se entender melhor as opiniões e críticas, outras com opções de múltipla para ajudar os respondentes a entender qual a intenção da perguntas e outras com opções mais restritas como sim ou não e

até positivamente ou indiferente ou negativamente. A escolha da aplicação de questionários foi com intenção de estabelecer parâmetros de interpretação, para ser fácil processar as análises estatísticas descritivas-exploratórias, com variáveis quantitativas e qualitativas, para melhor esclarecer as questões levantadas.

Depois de colhidas as respostas, procura-se com isso identificar a posição e opinião dos dois grupos no qual foram feitas as perguntas sobre os problemas abordados e procurar pontos que se identifiquem nos dois questionários, em virtude de elucidar a situação existente para uma possível melhora se necessário na abordagem das matérias práticas no currículo da contabilidade na Universidade de Brasília e até mesmo uma mudança no currículo aonde haja uma inclusão da matéria estágio supervisionado como obrigatória.

A coleta de dados foi pautada por meio das respostas dos questionários, que constitui a opinião pessoal de cada uma das pessoas que responderam a pesquisa e que vivenciam a situação estudada ou os resultados dela diariamente. O questionário foi elaborado por meio do Google Docs e encaminhado via email no período de 28 de janeiro a 09 de fevereiro de 2015, para todos o corpo docente de Ciências Contábeis da UNB, para alunos que estão cursando e para alunos que já se formaram no curso. Os dados foram coletados no dia 10/02/2015, dando assim um prazo de 12 dias para respostas. Com isso foram obtidas 58 respostas aos questionários enviados aos alunos, já o outro questionário foi enviado a todo o corpo docente da UnB que é composto 30 professores, entretanto só obteve-se 13 repostas.

Para a análise dos dados coletados nos questionários foram recolhidas as informações e editadas através das tabelas dos programas Word e Excel e com isso foi feito uma leitura das repostas, permitindo identificar pontos comuns, tentando agrupar similaridades e apontando divergências para assim elaborar gráficos e quadros organizados. Para a partir dessa visão geral das características da amostra, se obter associações, inferências e interpretações que constituem a Análise dos Resultados.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

São apresentados a seguir os resultados das análises dos dados coletados por meio de gráfico, tabelas e trechos dos respondentes e suas respectivas análises.

Conforme metodologia de pesquisa os questionários foram enviados por e-mail e divulgados em redes sociais em 28 de janeiro de 2015. Os dados foram coletados no dia 10/02/2015, dando assim um prazo de 12 dias para respostas. Com isso foram obtidas 58 respostas aos questionários enviados aos alunos, já o outro questionário foi enviado a todo o corpo docente da UnB que é composto 30 professores, entretanto só obteve-se 13 repostas.

4.1 Análises das respostas apresentadas pelos alunos

Visando identificar a opiniões de estudantes e formandos que convivem ou conviveram com essa situação estudada em diferentes momentos, dando assim uma visão geral ao questionário, pois essas pessoas estão diretamente relacionadas aos temas abordados. Responderam o questionário alunos que estão entre o segundo e o décimo semestre e concluinte desde o ano de 2011 até 2015, exceto 2012, encontrando pelo menos um de cada semestre ou ano, quando não mais. Conforme exposto nos gráficos a seguir

Gráfico: Ano de formação dos alunos

ANO DE CONCLUSÃO:	QUANTIDADE DE ALUNOS:	PORCENTAGEM:
2011	1	1,7%
2013	3	5,2%
2014	23	39,7%
2015	1	1,7%

Fonte: Elaboração própria

Gráfico: Semestre que estudam os respondentes

SEMESTRE:	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º
QUANTIDADE DE ALUNOS:	1	2	1	2	3	4	5	9	3

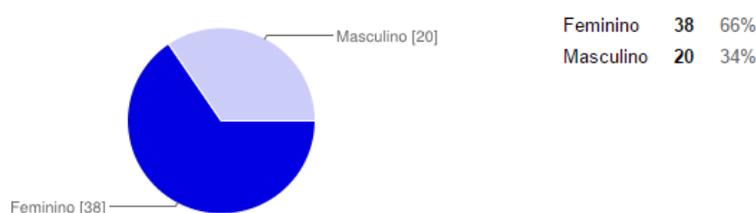
PORCENTAGEM	1,7%	3,4%	1,7%	3,4%	5,2%	6,9%	8,6%	15,5%	5,2%
-------------	------	------	------	------	------	------	------	-------	------

Fonte: Elaboração própria

4.1.2 Análise do Gênero

Dos alunos que responderam a pesquisa, em relação ao gênero, a quantidade de mulheres respondentes é predominante, já que são 66% do gênero feminino e 34% masculino.

Gráfico: Número de respondentes por sexo



Fonte: Elaboração própria

4.1.3 Análise da Faixa etária

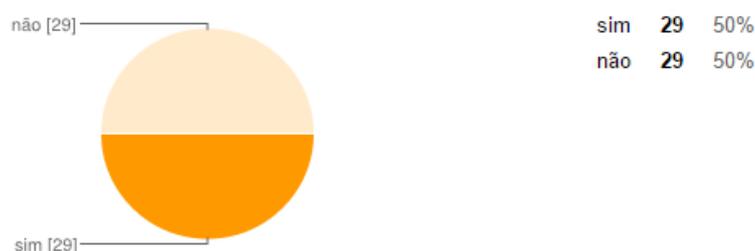
Dos alunos que responderam a pesquisa, vemos que esse tópico é bem homogêneo constituído em quase totalidade por pessoas com entre a faixa etária de 20 a 27 anos, salvo uma exceção à regra que tem 45 anos.

Com o objetivo deste questionário sendo além de analisar a suficiência das matérias práticas no currículo contábil, também verificar a importância de a matéria estágio supervisionado ser transformada em obrigatória na grade horaria da UNB. Na próxima parte do questionário está sendo averiguada a quantidade de alunos que cursaram a matéria estágio supervisionado, em que área a atividade foi exercida, qual o papel desempenhavam, qual o interesse pela busca desse exercício, quanto tempo permaneciam nos respectivos estágios, a importância que este resultou em sua carreira profissional e ainda foi pedido para elencar pontos positivos e negativos a respeito dessa atividade curricular. Foi pesquisado também a influência do estágio em processos seletivos e na carreira profissional.

Em seguida foi questionada a falta da prática e da experiência contábil durante a graduação, averiguou-se também o impacto dessa falta na entrada no mercado de trabalho e se

essa situação acarretou em insegurança, fazendo sentir-se sem experiência suficiente para exercer as funções atribuídas a profissão. Depois foi colocado em análise se a quantidade de disciplinas práticas é suficiente para formar um bom profissional e ainda foi perguntado os objetivos dos alunos durante a graduação e após a formatura.

4.1.4 Análise do percentual dos alunos que cursaram a matéria estágio supervisionado



Fonte: Elaboração própria

Por meio desta análise comprovou-se que pelo fato de a matéria estágio supervisionado não ser obrigatória no currículo contábil, metade dos alunos pesquisados não a cursam, perdendo assim um meio muito importante de colocar a teoria em prática, pelo qual se consiste na convivência com situações que irão encontrar no seu futuro profissional, só que o diferencial é que enquanto estagiário, você é ensinado, orientado e corrigido te preparando para a futura entrada no mercado de trabalho.

Além de percebido que se a disciplina não for obrigatória, não se tem um número elevado de procura, como era esperado muitos procuram estagiar pelas prioridades erradas, como o motivo financeiro e não para obter conhecimento, com isso acabam estagiando sem vínculos com a universidade. Quando perguntado quem fez estágio que não supervisionado, o número passa a ser de 86% dos respondentes o fizeram, porém muitas vezes esses estágios não preparam e nem fornecem o suporte adequado a um estudante, por vezes só procurando mão de obra barata. E resultado disso verifica-se que 59% dos que responderam o questionário afirmam terem feito essa atividade por motivos financeiros, enquanto somente 26% por interesses acadêmicos.

Quando questionado sobre a área de execução do estágio, 71% fazem na área contábil e 16% ainda afirmam fazer em outras áreas, o que se percebe é que apesar de pequeno, esse número é elevado, já que a contabilidade é fragmentada em diferentes campos e estão

presentes em muitos lugares, órgãos públicos, escritórios e na maioria das empresas. Na pergunta seguinte nota-se que a área mais procurada pelos alunos que não estagiam na área contábil é a área administrativa

Em seguida pergunta qual área contábil é executado o estágio, é apurado desses dados que 7% foi feito na área de controladoria, 10% em auditoria, 5% em perícia e 50% em outras áreas do conhecimento. O número de estudante que estagiam na área que envolve a perícia contábil é até grande considerando que essa matéria não é obrigatória no currículo da universidade de Brasília, além de ser ofertada somente em dois horários, restringindo assim ainda mais o número de alunos que a cursam. E a área de controladoria é para quem gosta da parte de tomada de decisão e análises de processos, as empresas estão dando cada vez mais valor a essas qualidades, quem tem muito conhecimento nessa área é pouco provável que não consiga emprego.

O campo dos conhecimentos de auditoria é muito visado pelos alunos, pois se caracteriza como uma atividade interessante, que identifica sua utilidade e tem várias possibilidades. Muitos estudantes ao se formarem ou até mesmo durante a graduação tem seu primeiro emprego nessa área como *trainee* de grandes empresas de auditoria, como a KPMG e a PWC, que no começo ganha pouco, mas tem a possibilidade de se crescer dentro da empresa e ainda se aprende muito.

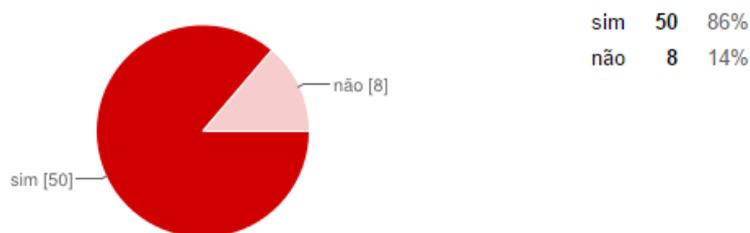
Corroborando com a ideia exposta anteriormente que muitos veem no estagiário a mão de obra barata, foi examinado as atividades realizadas durante o período do estágio, sendo detectadas que apesar de 48% estar relacionada com a atividade contábil, 31%, que é considerado um percentual grande, asseguram exercer atividades como xerocar, carimbar, assinar, colher assinaturas, preencher planilhas, pegar café entre muitas outras atividades que não colaboram em nada para a formação e ainda 7% realizam atividades em outras áreas do conhecimento como Direito e Administração.

Ao efetuar a soma dos percentuais que não fazem estágio na área contábil verifica-se um percentual de 38% dos estudantes da contabilidade não tem contato direto com nenhuma atividade relacionada ao seu curso durante a graduação, esse dado pode ser considerado muito alto e próximo à quantidade de alunos que o fazem na sua área de atuação. Sobre a permanência no estágio descobriu que 41%, a maioria das repostas é de permanência de 2 anos, as outras respostas tem uma homogeneidade aparente, já que 10% falaram que ficaram menos de 6 meses na atividade, outros 16% permaneceram 6 meses e 19% mais de um ano.

Quando se interroga a opinião deles sobre a contribuição do estágio para uma boa formação acadêmica, ratifica que ninguém respondeu que essa experiência foi negativa, a grande maioria ou seja 72%, afirmou ser positiva essa situação e 17% responderam que essa situação foi indiferente em sua formação.

O estágio que não é supervisionado, não tem apoio da universidade fiscalizando se os alunos estão executando atividades da sua área de atuação e não tem vínculos com os órgãos e empresas que vão fornecer as vagas de estagio, não tem supervisão.

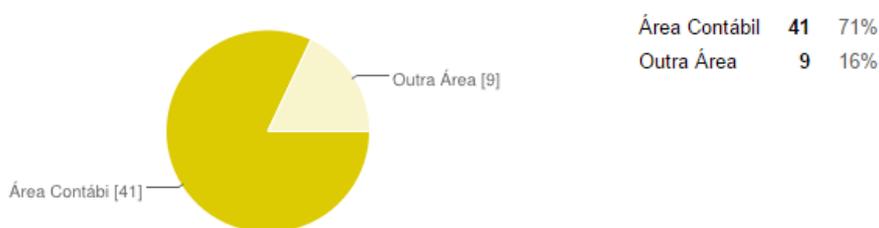
4.1.5 Análise do percentual dos alunos que fizeram outro estágio, que não o estágio supervisionado



Fonte: Elaboração própria

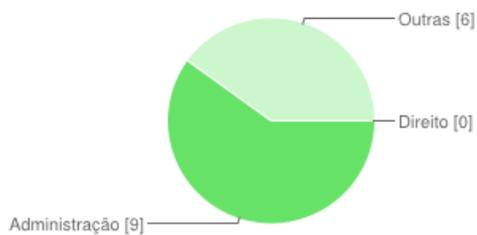
4.1.6 Análise das áreas nas quais os alunos fizeram o estágio

Gráfico 1:



Fonte: Elaboração própria

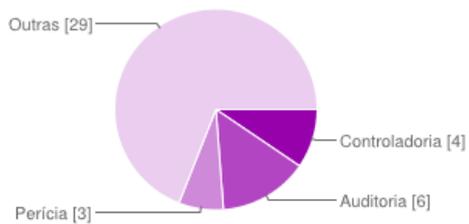
Gráfico 2



Direito	0	0%
Administração	9	16%
Outras	6	10%

Fonte: Elaboração própria

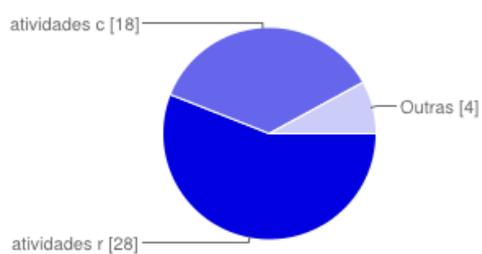
Gráfico 3



Controladoria	4	7%
Auditoria	6	10%
Perícia	3	5%
Outras	29	50%

Fonte: Elaboração própria

4.1.7 Análise das atividades que costumavam realizar no estágio:

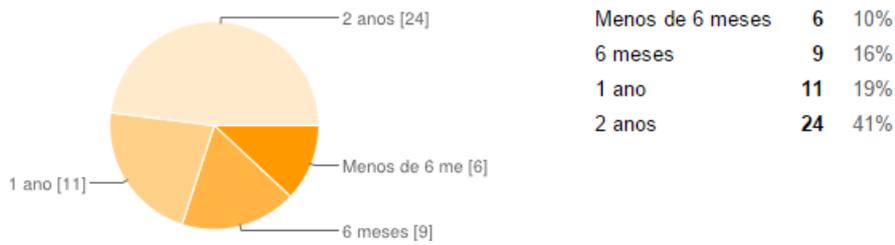


Legenda:

atividades relacionadas a área de formação	28	48%
atividades como carimbar, lançar planilhas, numerar, pegar assinaturas, tirar xerox, entre outras	18	31%
Outras	4	7%

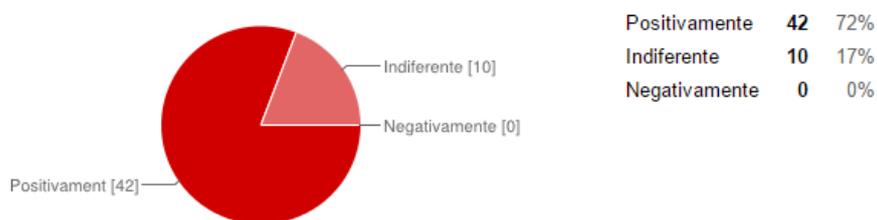
Fonte: Elaboração própria

4.1.8 Análise do tempo máximo de permanência no mesmo estágio



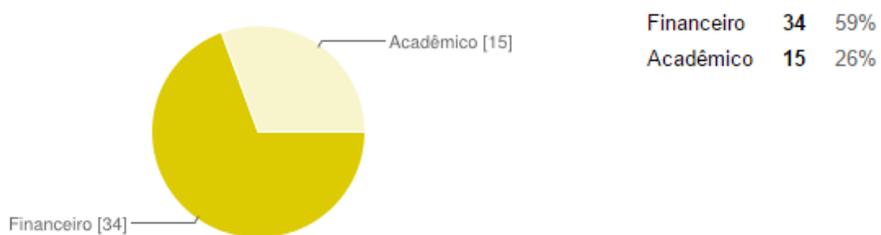
Fonte: Elaboração própria

4.1.9 Análise da opinião dos alunos que responderam à pesquisa sobre se o estágio contribuiu para a sua formação acadêmica



Fonte: Elaboração própria

4.1.10 Análise do motivo pelo qual o aluno procurou o estágio



Fonte: Elaboração própria

A procura pelo estágio é pelo motivo financeiro, pois os estudantes universitários não tem dinheiro e tem que se sustentar para estudar, logo procuram os estágios que paguem melhor, independente da área que iram atuar e do que iram realizar.

4.1.11 Análise dos pontos positivos e negativos relacionados à importância da matéria estágio supervisionado na formação do aluno no curso de Ciências Contábeis

Em resposta a essa indagação, foi conclusivo que todos os alunos que responderam consideram positivos a matéria estágio com algumas ressalvas, pois somente quatro alunos elencaram pontos negativos. Sendo essas faltas de oportunidade de estágio na área estudada, falta de tempo, perda de tempo e o tempo ocioso na realização dessa atividade.

Os pontos positivos visualizados foram diversos, são elencados vários para demonstrar a opinião dos estudantes quanto a esta situação. Em depoimento os estudantes escrevem sobre a necessidade de a matéria ser obrigatória, mostrar a aptidão para a área de ciência contábeis, ver como a teoria se relaciona com o mundo real, falam que nem sempre a pratica é aplicada de maneira fiel ao que é ensinado em sala de aula. Esclarece que estágios em escritórios são muito mais proveitosos do que em órgãos públicos, que segundo o aluno, não se aprende quase nada e se é pouco aproveitado, contribui para uma visão prática da profissão, além de ser uma forma eficiente de aplicar a contabilidade teórica à vida profissional. É muito importante para a entrada no mercado de trabalho, pois tem contato com a real prática contábil que é diferente da teoria, além de auxiliar no desenvolvimento interpessoal, permite experiência profissional antes mesmo de concluir o curso, de modo que o aluno já chega preparado para enfrentar o mercado de trabalho. Desperta o interesse pela profissão em si, muitos conhecimentos são mais estimulados pela pratica, a interação com profissionais da área, estimula o aluno a buscar nas aulas, conhecimentos para aplicar na pratica e vice e versa.

Nos próximos depoimentos os estudantes especificam a situação que esta em vigor na universidade de Brasília, apontando os problemas e possíveis soluções: Penso que o estágio supervisionado hoje é apenas uma matéria optativa que os alunos se esforçam para pegar pela quantidade de créditos (e por ser optativa, já que há uma falha no departamento em ofertar disciplinas optativas). O aluno corre atrás do estágio, tenta encaixar o contrato com o semestre letivo e pronto, a único momento em que o departamento se faz presente é no final do semestre, quando pede um relatório do estágio referente a todo o semestre. Sinto que se

houvesse uma maior participação do departamento no estágio, verificando se o aluno está mesmo na área contábil e auxiliando-o se preciso, o estágio supervisionado poderia trazer melhor bagagem pra vida profissional do aluno. Penso que seja necessário uma maior interação entre a empresa que oferece o estágio e o departamento, de modo que o departamento esteja mais consciente do que o aluno está fazendo no estágio. Acredito que o estágio de forma obrigatória e necessário já que para outros cursos que exigem prática ele é obrigatório. Da forma como a matéria é "ministrada" acho indiferente, é apenas uma forma de se conseguir créditos, mas se houvesse real verificação que os alunos têm algum ganho com seu estágio e ele realmente contribui para a formação acadêmica seria válido.

Continuando os depoimentos, o estágio supervisionado, quando direcionado às atribuições contábeis, é importante, pois da oportunidade ao aluno de saber se irá se identificar com as rotinas da profissão contábil. Vivencia rotinas do mercado de trabalho, responsabilidades e atribuições, possibilita uma visão diferenciada do curso de contabilidade, a prática proporcionada é essencial no sucesso profissional, além de se relacionar com atividades rotineiras da profissão. O contato profissional com pessoas de outras áreas proporciona uma experiência essencial na formação de um profissional de maneira geral, aprender com pessoas mais experientes, lidar com o público, com imprevisibilidade e pressão, em teoria nos preparar para o mercado de trabalho. Entretanto, como Brasília é a terra dos concursos, todo o curso de formação (não apenas a matéria) fica focado na área pública.

O estudante sente falta da parte prática no curso e esta atividade supriu consideravelmente esta falta, contribuir para conciliação entre teoria e prática, é a forma mais objetiva para saber a real função da profissão contábil. A falta da prática na contabilidade acaba formando alunos despreparados para o mercado. Por outro lado, caso houvesse obrigatoriedade nessa matéria, teria que ser só na área contábil, acredita que a matéria poderia contribuir mais para a formação do discente se houvesse um acompanhamento mais afim por parte do departamento, proporciona maior experiência e conhecimento da profissão contábil. É importante a partir do momento que se tem um acompanhamento dos professores da universidade. Seria interessante se houvesse uma espécie de convenio direcionando para lugares em que o estagiário não faça atividades que não tem haver com a área de formação.

Na opinião dos alunos sobre os pontos positivos, era visível a falta da prática contábil durante o curso e com esse percentual de 93% deixa mais claro ainda que é perceptível essa falta, logo precisa haver uma mudança imediata nesse quadro. Em adição a essa ideia 38% dos formados afirmam que a falta de contato com o ambiente real de trabalho durante a

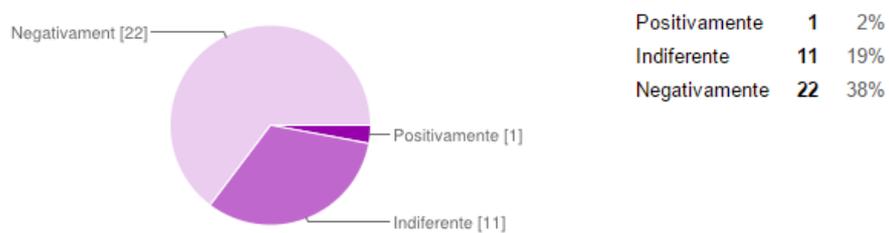
graduação, afetou negativamente sua entrada no mercado de trabalho, 11% se pronunciaram como indiferente.

4.1.12 Análise sobre a falta de atuação na prática contábil



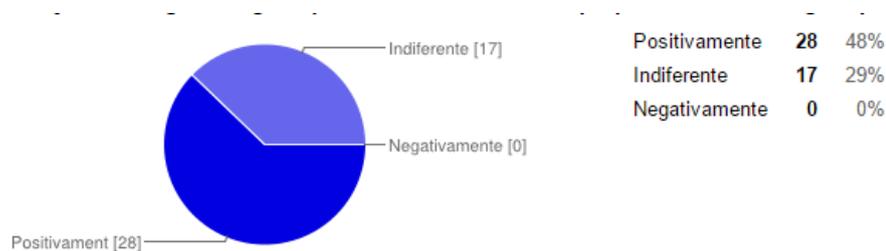
Fonte: Elaboração própria

4.1.13 Análise dos ex-alunos, sobre o impacto da falta de contato com o ambiente real de trabalho na graduação na sua entrada no mercado de trabalho



Fonte: Elaboração própria

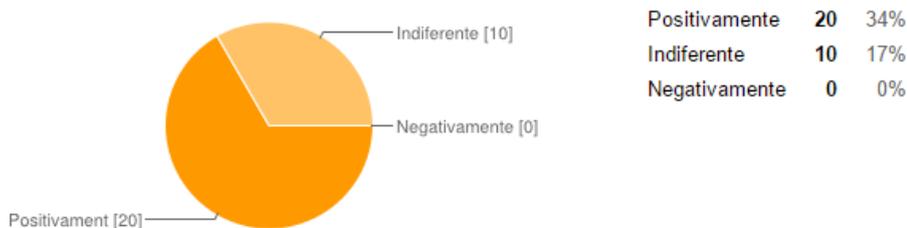
4.1.14 Análise dos alunos que já fizeram estágio quanto a ter ou não afetado em algum processo seletivo



Fonte: Elaboração própria

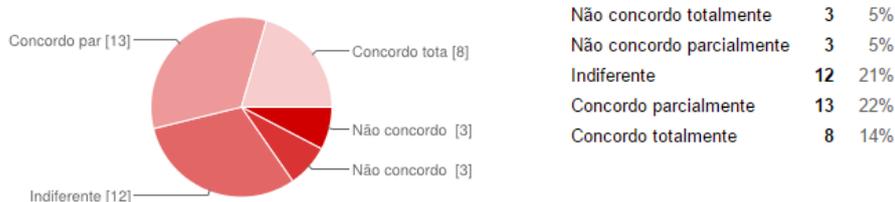
Inferre-se dessa análise que quase metade (48%) assegura que ter feito estágio influenciou de maneira positiva em processos seletivos, sendo que nenhum cita influencia negativa e 27% descrevem ser indiferente. Ao verificar esse percentual somente com alunos formados a proporção se mantém consideravelmente, já que para 34% foi positiva, 17% não interferiu e nenhum disse ser negativa. Logo percebe a importância dessa matéria para seu futuro segundo as respostas obtidas, pois se não lhe ajudar diretamente como sendo fator decisório de contratação, ajuda indiretamente mesmo que seja por meio de conhecimentos adquiridos até mesmo para se realizar uma prova de concurso público.

4.1.15 Análise sobre os alunos que se formaram e fizeram estágio, como imagina que afetou sua carreira profissional?



Fonte: Elaboração própria

4.1.16 Análise da entrada no mercado de trabalho sentiu-se inseguro ou sem experiência suficiente para exercer a função designada?

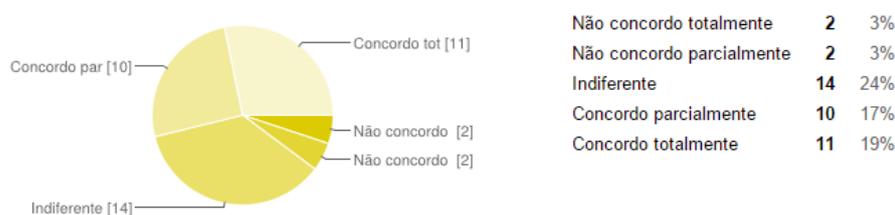


Fonte: Elaboração própria

Ao investigar sobre a falta de segurança e de experiência para exercer suas funções verifica-se que 36% concordam, ou seja esse é o percentual de alunos dentro da amostra estudada que ao se formarem não se sentem preparados para entrar no mercado de trabalho. Este dado é preocupante, um percentual muito elevado, para um problema que não deveria existir. Somente 10% discordam dessa afirmação, logo leva ao entendimento que somente essa porcentagem dos respondentes que se formaram se sentem preparados para trabalhar no mercado.

Em continuação a esse raciocínio foi perguntado se identificaram alguma dessas faltas de experiência como carência do ensino durante a graduação e o percentual se manteve o mesmo para os que concordaram sendo 36%. Porém o percentual de discordância caiu para 6%.

4.1.17 Análise da entrada no mercado de trabalho sentiu falta de alguma experiência profissional que imaginava pudesse ter aprendido na graduação?



Fonte: Elaboração própria

4.1.18 Ao Analisar os alunos que responderam sim e descreveram o que faltou, contatou-se que:

Numa abordagem mais específica é questionado o que faltou e as repostas são a falta de conhecimento prático em atividades corriqueiras da contabilidade, a falta da prática tributaria, fiscal, financeira e de contabilidade publica, a falta de experiência com lançamentos contábeis. Muita teoria e pouquíssima prática, matérias que ensinassem de maneira mais direta as principais práticas contábeis que as pessoas imaginam que todos os contadores sabem fazer, como imposto de renda etc. Falta de experiências, nas diversas áreas de atuação inclusive na de auditoria e tributaria, há a necessidade de trazer mais exemplos práticos da profissão para dentro de sala de aula como: casos concretos de auditoria e perícia, folhas de pagamento com os impostos devidos, DECORE, mais experiências com softwares diversos de contabilidade, vivência no SIAFI e etc. Pouca matéria da parte publica, uma so disciplina para um conteúdo tão amplo, faltou experiência prática no curso como um todo, foi um curso bem acadêmico, voltado para a teoria e para quem anseia se manter nesse meio e complementar a formação com Mestrado e Doutorado.

Vale ressaltar dois depoimentos específicos que falam: Sai da unb se saber nem fazer uma declaração de ir! Foi tudo aprendido na garra e ainda falta muita coisa. Simplesmente não ingressei na carreira de contabilidade. Além de a experiência que tive em estágios fora da minha área me estimulou ainda mais em não focar em contabilidade em si como ramo profissional.

4.1.19 Análise dos alunos se quantidade de disciplinas práticas no curso de ciências contábeis da UnB é suficiente para a formação do graduando em ciências contábeis?

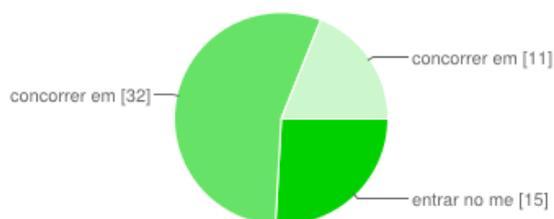
Somente quatro alunos responderam que sim e dos quatro, dois com ressalvas que algumas matérias optativas deveriam ser obrigatórias e o outro considerando as matérias optativas que ele mesmo menciona que não são ofertadas todo semestre. Todos os outros responderam que não e alguns afirmam que deveria ter disciplinas voltadas à prática contábil, outro já fala que não há disciplinas práticas, a única disciplina prática é laboratório no último semestre. Existem tantas matérias optativas que seriam de grande valia para o nosso currículo, quem não trabalha/estagia em escritórios contábeis ficam a desejar em certos pontos da

prática contábil, apenas laboratório e da forma com que ela é ministrada não acho que seja suficiente. No entanto, não existem professores e capacidade do departamento para que as disciplinas sejam dadas.

Para formação científica fim, mas para o ingresso no mercado de trabalho não. Algumas disciplinas estão ausentes no currículo de ciências contábeis, outras são optativas e difíceis de matricular por esse fator e que poderia ser obrigatória pela relevância (matemática financeira), há disciplinas de módulo livre de áreas afins que também poderiam ser incluídas como obrigatória (finanças e mercado financeiro, por exemplo). Não há disciplinas focadas em micro e pequenas empresas, principalmente a parte fiscal das mesmas, o que faz com que o aluno saia com um déficit nessa área ou exige que o aluno procure outros meios para adquirir tais conhecimentos.

Falta disciplinas ligadas à prática contábil em si, há somente o foco na teoria, falta oferta de disciplinas optativas na área para que possamos aprofundar mais o conhecimento contábil, necessário melhorar a qualidade das disciplinas ministradas. A oferta de disciplinas optativas são poucas e insuficientes para uma boa formação do aluno, muitas disciplinas importantes são optativas enquanto outras que não contribuem em nada para a formação de um contador ocupam a nossa grade horária. Esse são os pontos em que a UnB deixa a desejar em comparação com as faculdades particulares.

4.1.20 Analisar o objetivo dos alunos na ou após a graduação?



Legenda:

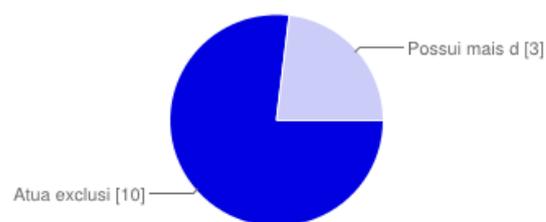
entrar no mercado de trabalho como contador, ou como outro profissional da área;	15	26%
concorrer em concursos na área de contabilidade;	32	55%
concorrer em concursos de qualquer área.	11	19%

Fonte: Elaboração própria

A maioria dos alunos pretende fazer concurso publico cerca de 74% dos que se formam e apenas 26% imaginam entrar no mercado de trabalho.

4.2 Análise das respostas dos docentes

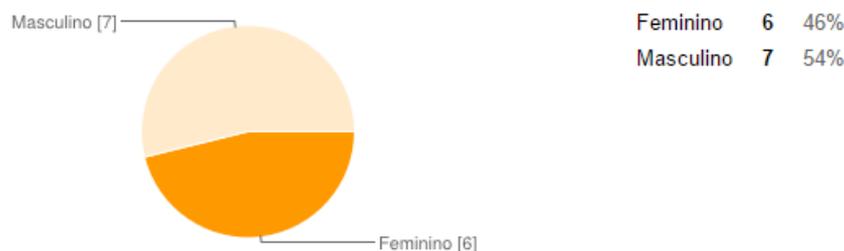
4.2.1 Análise do Perfil do Docente



Atua exclusivamente como professor;	10	77%
Possui mais de uma atividade, atua como professor e possui um trabalho.	3	23%

Fonte: Elaboração própria

4.2.2 Análise do Gênero?



Fonte: Elaboração própria

Percebi que o perfil dos docentes analisados é bem homogêneo, pois 54% são homens e 46% são mulheres, a quantidade de professores do gênero masculino é só um pouco maior, a amostra é composta e influenciada pelos dois gêneros.

4.2.3 Análise da Idade?

Os professores analisados têm sua faixa etária entre 33 e 53 anos e uma exceção a regra que tem 66 anos, em geral essa faixa é um tanto quanto jovem para docentes, que é exigido no mínimo o diploma da graduação e do mestrado, logo isso leva alguns anos de estudo e dedicação.

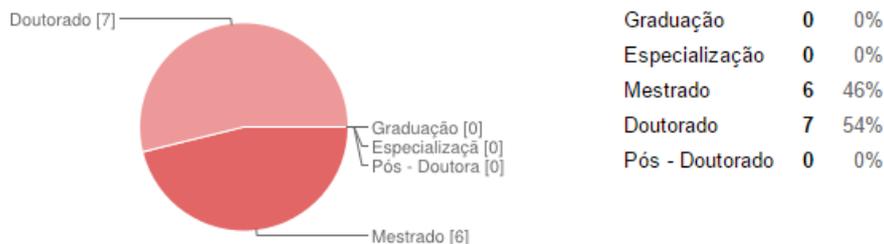
4.2.4 Análise da Formação Acadêmica?

Dos professores avaliados apenas dois não tem formação em contabilidade e lecionam no curso, os outros são formados em contabilidade e alguns em outras áreas do conhecimento também.

4.2.5 Análise do Ano em que concluiu o ensino superior?

O ano de conclusão da graduação pelos professores giram entorno de 1982 a 2007, todos com menos de 33 anos de graduandos, alguns bem novos e outro com um gama de experiências já constituído.

4.2.6 Análise de Maior titulação?



Fonte: Elaboração própria

Contatou-se que 54% são Doutores o que é um numero muito bom, mais da metade e os outros 46% são mestrando, o que revela um grau elevado de conhecimentos e estudos.

4.2.7 Análise da Área da maior titulação?

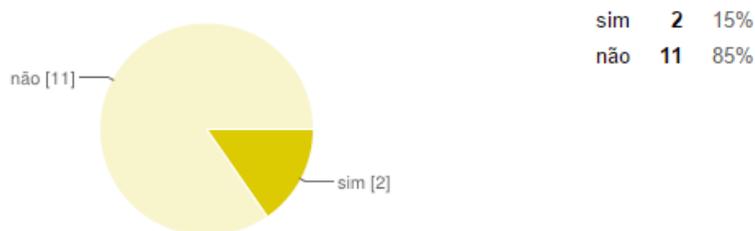
Dos oito professores que responderam essa pergunta, quatro foram em contabilidade, e a outra metade em outras áreas do conhecimento como administração e economia. Isso mostra um aprofundamento nos estudos por parte dos professore.

4.2.8 Análise de há quantos semestres leciona no curso de Ciências Contábeis?

Varia de 8 semestres a 44 semestres, com isso conclui que todos tem um período bom de magistério na unb, no mínimo quatro anos, mas alguns tem muitos anos de Unb já, equivalente a uma vida, com 22 anos de docência.

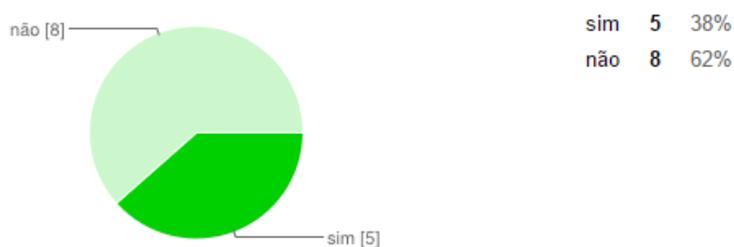
4.2.9 Análise de quais já lecionaram a disciplina de laboratório empresarial? Quantos semestres? Qual o semestre e ano da última turma?

Somente dois professores lecionaram esta matéria, que equivale a 15%, desses um deu 2 semestres e outro 4 semestres a ultima turma sendo em 2006.



Fonte: Elaboração própria

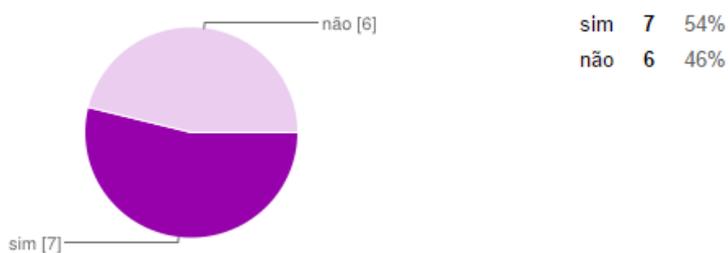
4.2.10 Análise de enquanto aluno de graduação cursou a disciplina de laboratório empresarial?



Fonte: Elaboração própria

O percentual de professores que não cursaram a matéria laboratório contábil é bem alto, 62% ou seja 8 docentes não tiveram contato com essa disciplina durante aluno. Apenas 5, 38% vivenciaram essa prática empresarial que é a disciplina de laboratório.

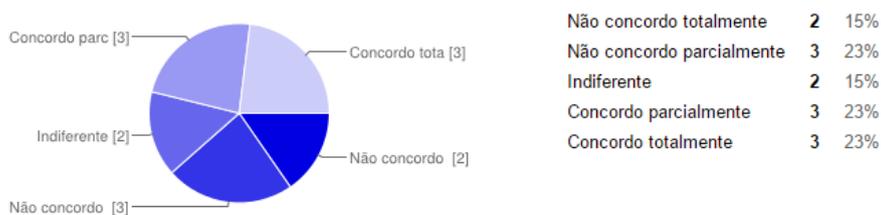
4.2.11 Análise de Enquanto aluno de graduação participou de programas de estágio? Se sim, quantos semestres? Se sim, atuou na área contábil no estágio? Se sim, quando o fez foi supervisionado por responsável da instituição ou da empresa?



Fonte: Elaboração própria

De todas as repostas identificou que 7 fizeram estagio, ou seja 54%, mais da metade e 6 não tiveram contato com essa vivencia prática e com esse método de ensino tão poderoso e eficaz. Alguns afirmaram ter feito somente durante seis meses, outros um ano e um conviveu nesse ambiente por 2 anos, metade fala que foi realizado na área contábil e a outra metade em áreas diversas, alguns falam que foi supervisionado e outros falam que não.

4.2.12 Análise se matéria estágio supervisionado deveria ser obrigatória na grade horária da graduação de Ciências Contábeis?



Fonte: Elaboração própria

Os docentes em sua maioria (46%) concordam em tornar obrigatória a matéria estagio supervisionado, pois acham que é fundamental para a formação do bacharel em ciências contábeis, enquanto 38% não concordam, não achando necessária essa disciplina ser obrigatória e para 15% não faz diferença.

4.2.13 Análise da opinião dos discentes, sobre qual a importância da matéria estágio supervisionado na formação do aluno no curso de Ciências Contábeis, se possível elenque pontos positivos e negativos?

Das repostas foi retirado que três professores discordam com esse pensamento e um cita o problema de o aluno trabalhar a noite impossibilitando o estágio como obrigatório. E todos os outros docentes acham muito importante e ainda explicam que essa disciplina dá ao aluno a opção de escolha da área que ele irá se especializar; ele sai da graduação como

contador e não aprendiz; possibilidade de maior remuneração inicial após a formatura, importante para os alunos que tem interesse em ir para o mercado contábil empresarial, grande relevância para ver como a contabilidade é praticada, melhorar a capacidade crítica do aluno. Maior conhecimento técnico e melhor preparação para o mercado é importante para os alunos que desejam atuar na área de contabilidade após a conclusão do curso, auxilia no reforço do aprendizado e mantém o aluno em contato com o mundo empresarial. Possibilita vivência e aprendizado profissional e experiência mínima, o estágio supervisionado deve ser apenas no último ano do curso.

4.2.14 Análise da quantidade de disciplinas práticas no curso de ciências contábeis, verificando se esta é suficiente para a formação da graduação de ciências contábeis?*

Dos professores que responderam, quatro escrevem que não é suficiente e ainda cita que deveria ter mais práticas em áreas afins: perícia e auditoria, por exemplo. Outros cinco acreditam que é suficiente e acrescentam que se tivessem mais disciplinas optativas com atividades práticas poderia ser interessante para parte dos alunos e que a qualidade é que precisa ser melhorada

4.2.15 Análise das Experiências Profissionais além da docência?

Todos que responderam afirmam que tiveram experiências profissionais e alguns ainda citam que trabalharam por 10 anos em multinacionais e outros por mais de 25 anos.

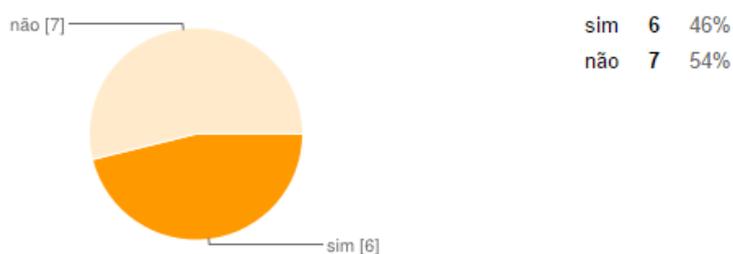
4.2.16 Análise da(s) experiência(s) é(são) em sua área(s) de formação (graduação)?

Dos que responderam apenas um disse não ter, outros todos falam ter experiências e mencionam que foi na área de finanças, escritório de contabilidade e gestão financeira.

4.2.17 Análise de há quanto tempo trabalha?

A amostra é muito heterogênea e é composta por professores que trabalharam ou trabalham de 3 a 28 anos e um que tem 40 anos de trabalho.

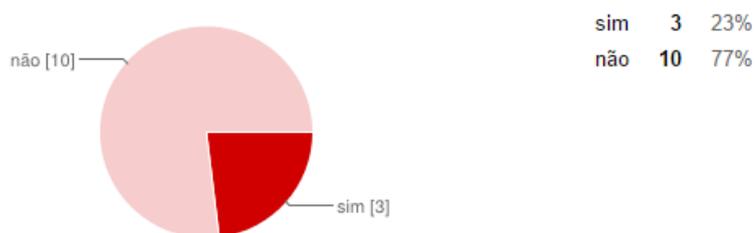
4.2.18 Análise da precisão de curso de formação para atuar na área?



Fonte: Elaboração própria

Essa resposta ficou bem equilibrada 54% afirmam não terem precisado de curso de formação enquanto 46% garantem ter precisado.

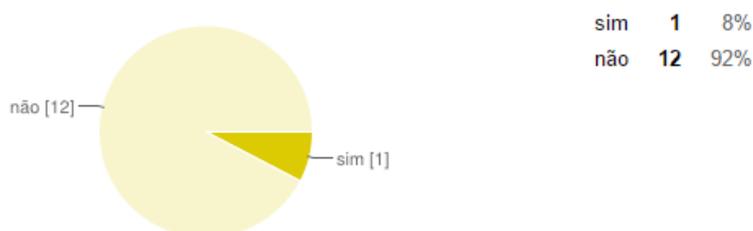
4.2.19 Análise do primeiro emprego foi enquanto cursava a graduação?



Fonte: Elaboração própria

A maioria de 77% assegura que o primeiro emprego foi só após a sua graduação, enquanto 23% trabalharam durante a formação.

4.2.20 Análise se já foi responsável por estágio supervisionado? Se sim, quantos semestres?



Fonte: Elaboração própria

Somente um professor foi responsável para essa matéria em análise e lecionou ela por seis semestres.

4.2.21 Análise de qual a quantidade de disciplinas práticas deveria existir no curso de Ciências Contábeis e cita quais você imagina que deveria ter?

As opiniões dos docentes estão expostas a seguir:

No curso de contábeis, duas áreas são fundamentais, a contabilidade para usuários internos e externos. O grande foco de disciplinas práticas deveria ser nessas duas áreas, pois são áreas de formação, na área de Perícia contábil e na prática tributária e outra de sistemas (ERP). Todas as disciplinas da área de Contabilidade do curso podem ter parte prática, contabilidade geral de I a VI, deveria ter a parte prática de contabilidade fiscal, comercial e trabalhista

Se houver disciplina somente com prática sem o estudo/discussão teórica que dão fundamento para a prática, estaremos formando técnicos em contabilidade e não bacharéis em contabilidade. Portanto, as disciplinas que são somente práticas poderiam ser optativas. Exemplo de disciplinas: Laboratório de contabilidade gerencial; laboratório de contabilidade para micro e pequenas empresas; laboratório de contabilidade para sociedades anônimas (abertas e fechadas); laboratório de contabilidade pública etc.

Deveria existir no mínimo três laboratórios sendo um empresarial, governamental e outro gerencial. Desta forma os alunos poderiam escolher e ter contato com a prática em outras áreas além da empresarial. Todas as matérias técnicas de contabilidade, tanto societária, como gerencial ou pública deveriam ser baseadas na prática de mercado. A disciplina de laboratório durante dois semestres, com professores especialistas em cada área

(contabilidade, fiscal e departamento pessoal) e que no final deveria ter outro professor com conhecimento em auditoria e perícia para finalizar a disciplina. As disciplinas deveriam ser os Jogos de empresas, os Processos Contábeis, o Estágio e o Laboratório.

5. Considerações Finais

5.1 Conclusão

O objetivo principal desse estudo foi identificar a percepção dos docentes, alunos e ex-alunos quanto à quantidade de matérias práticas oferecidas no curso de contabilidade da Universidade de Brasília e verificar se estas são suficientes para uma adequada formação do futuro profissional. Além de analisar a opinião destes sobre a transformação da matéria estágio supervisionado em obrigatória, para assim ser criada a convivência com a prática antes do ingresso no mercado de trabalho.

As respostas foram analisadas a fim de constatar semelhanças e diferenças nas opiniões dos dois grupos para os quais foram aplicados os questionários, o dos professores e o dos alunos e profissionais graduados pela UNB. E assim a partir dessas análise de resultado concluir alguns pontos de convergência sobre os assuntos discutidos.

Há evidências que a quantidade de matérias práticas no curso de ciências contábeis da UnB, não é suficiente e nem está perto de se atingir o mínimo necessário para uma boa formação profissional. Isso levando em consideração as respostas dos questionários dos alunos onde a maioria absoluta concorda com esse pensamento e da mesma forma quase metade dos professores concordam com este ponto, e mesmo os que não concordam enfatizam que deveria ser dada mais ênfase nas matérias práticas optativas, pois na opinião destes são matérias muito importantes.

Os alunos ainda enfatizam que a falta de prática na contabilidade permite que profissionais despreparados entrem no mercado de trabalho. E questionam que a única disciplina prática obrigatória é laboratório empresarial, não sendo a situação ideal, e para sanar o problema sugerem que deveriam tornar obrigatórias algumas disciplinas práticas optativas, para que fossem ofertadas em todos os semestres e assim possibilitar aos alunos um maior contato com a prática contábil antes de se formarem. E ainda destacam que deveria ser feito um melhor balanceamento entre a quantidade de disciplinas teóricas e práticas.

E quando questionados sobre o que falta na sua formação academia fica evidente nas respostas dos alunos que sentem falta da prática contábil, pois sentem muito a falta de experiência com procedimentos básicos da contabilidade como lançamentos contábeis, imposto de renda, entre muitos outros, e dizem que a falta de contato com os diversos

softwares da área, e também sentem falta de situações práticas em sala de aula e acrescentam que pensam que esse curso é muito acadêmico, tendo foco centrado na teoria e pouco foco na prática.

A quantidade de professores entre os pesquisados que cursou as matérias práticas como estágio supervisionado e laboratório empresarial durante a graduação é pequena e menor ainda quando se perguntado quais já as lecionaram. Contudo, percebe-se que nos dois questionários existe uma quantidade significativa de professores que fez estágio.

Complementarmente na visão dos estudantes, 72% acha que o estágio contribuiu para sua formação acadêmica, por meio da relação entre a teoria e a prática e permitindo experiências profissionais, porém ressaltam que a matéria específica de estágio supervisionado na UNB tem que ser mudada, já que ela é considerada hoje pelos estudantes como uma matéria secundária e uma maneira de obtenção de créditos fácil. É fato que a mesma deve ser readequada para que haja uma maior interação da universidade com as empresas que oferecem o estágio, que a universidade possa ter uma participação maior nesse momento, verificando se o estágio está realmente adequado à área contábil, quais atividades estão sendo realizadas, pois, assim seria dado um suporte maior, auxiliando e acompanhando durante todo o semestre os alunos em questões relevantes. E ainda é sugerido que a UNB seja mais rigorosa na efetivação dos convênios, para que aos alunos só seja permitido estagiar quando a empresa ofereça uma atividade que esteja relacionada com a sua área de formação. O resultado disso seria uma matéria prática que realmente ajudaria na vida profissional do aluno, oferecendo uma bagagem muito importante e contribuindo significativamente para a formação acadêmica de cada aluno.

Percebe-se uma concordância na opinião da maioria dos professores, dos alunos e profissionais graduados pela UNB, que responderam os questionários, no que tange a importância de a matéria estágio supervisionado se tornar obrigatória, no currículo de Ciências Contábeis da Universidade de Brasília. Pois ficou evidenciado que, sendo esta matéria facultativa, é criada uma visão equivocada nos alunos sobre a sua importância.

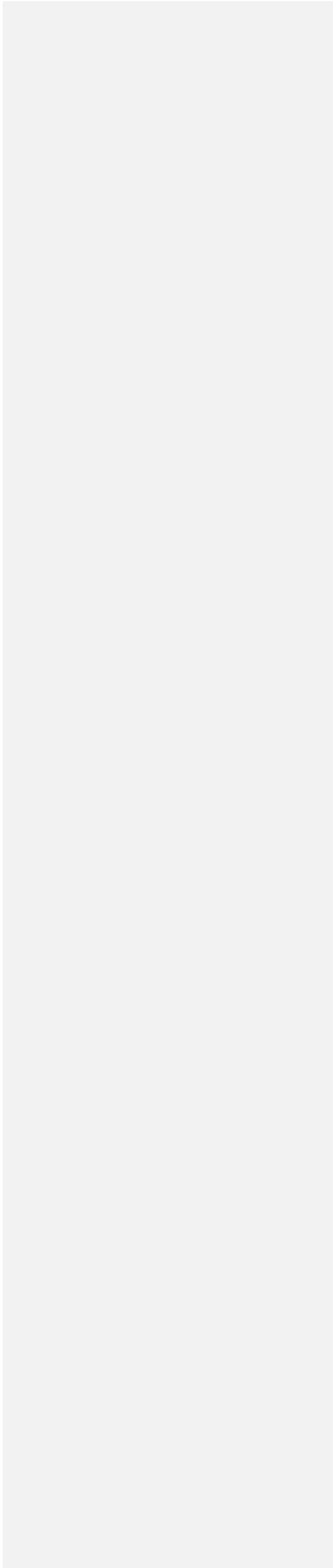
Isso pode ser constatado quando na pesquisa verifica-se que mais da metade das pessoas que responderam aos dois questionários estagiaram, mas não cursaram a matéria estágio supervisionado. E esta alta procura dos alunos por estágio está diretamente relacionada ao interesse financeiro e não acadêmico, como era esperado, e acabam fazendo o estágio em outras áreas do ensino, e por isso, acaba não executando atividades inerentes a sua profissão e transformando a figura do estagiário em uma mera mão de obra barata.

Outro ponto importante é o RUF (Ranking Universitário da Folha) de 2013 de Ciências Contábeis, onde a Universidade de Brasília foi considerada na avaliação do ensino como a melhor universidade do Brasil, ficando em primeiro lugar nesse ranking, entretanto quando avaliada neste mesmo ranking pelo mercado não foi classificada nem entre as dez melhores, ficando em décimo sexto lugar. Logo, concluímos partindo-se desse fato que apesar do ensino na UNB ser muito bom, considerado o melhor no ranking citado, o mercado não vê o ensino e os profissionais formados pela UNB dessa maneira, e isto se deve em grande parte ao seu currículo não estar adequado às exigências feitas pelo mercado.

Uma conclusão importante é que a grade curricular desse curso precisa ser reavaliada e reestruturada, para assim atender as necessidades atuais exigidas pelo mercado, acrescentando assim outras matérias que trabalhem a prática contábil e tornando obrigatória a matéria estágio supervisionado, para, dessa forma, proporcionar aos alunos, uma maneira de associar a teoria aprendida a prática, e possibilitar um contato com a futura realidade e vivência profissional, além de mostrar a importância real de se trabalhar em equipe, respeitar ordens de superiores, aceitar críticas, saber lidar com o público, com a imprevisibilidade, com a pressão, dentre muitas outras características que influenciam positivamente na formação do profissional, para que este profissional possa ser considerado mais adequado e qualificado para o mercado de trabalho.

A presente pesquisa teve algumas limitações, porém não a impossibilitaram, como a pequena quantidade de docentes que responderam os questionários, o que proporciona uma visão limitada da opinião dos professores do departamento de ciências contábeis da Universidade Federal de Brasília.

Sugere-se para pesquisas posteriores, expandir o número de entrevistados para um maior número de universidades, que englobem universidades federais e particulares, para que seja possível montar uma visão mais ampla e se averigüe esses temas em todo o contexto contábil universitário brasileiro. E sugerem-se estudos futuros que aprofundem uma análise sobre o porquê da Universidade de Brasília está classificada pelo mercado em décimo sexto lugar no ranking universitário, já que é considerada a melhor em relação ao ensino.



REFERÊNCIAS:

- ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Anna Cecilia de Moraes; BIANCHI, Roberto. Manual de orientação: estágio supervisionado. **São Paulo: Pioneira**, 1998.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007. 160 p.
- BERNARD SIMULAÇÃO GERENCIAL. 2013. Disponível em:<
http://www.bernard.com.br > . Acessado em: 10 fev. 2015.
- BERNARD, Ricardo. Estrutura de utilização dos jogos de empresas nos cursos de graduação em administração e ciências contábeis do país e avaliações preliminares de uma disciplina baseada neste método. **XVII ENANGRAD. São Luiz, Maranhão**, v. 27, 2006.
- BOUZADA, M. A. C.. Currículo Lattes 2013. Disponível em: <
http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4790269D1>. Acessado em: 15 dez. 2013.
- BRASIL. **Decreto n. 87.497, de 18 de agosto de 1982**. Regulamenta a Lei n 6.494/77. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d87497.htm> Acesso em: Janeiro, 2015
- CAMPOS, Eduardo Pacheco et al. Jogos de Empresas: Um Estudo sobre quem e como se utiliza no Brasil. **Polêm!ca**, v. 13, n. 3, p. 1462-1496, 2014.
- CARLOS, GIL Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa social. **São Paulo: Atlas**, 1999.
- CASTRO, J. M. (2002). Métodos e técnicas de pesquisa: manual prático. Belo Horizonte: MPA PUC-Minas. Fundação Dom Cabral.
- DE ANDRADE, Maria Margarida. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 2002.
- FAVERO, Hamilton Luiz et al. Contabilidade. **Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, v. 1, 2009.
- FREY, Márcia Rosane; FREY, Irineu Afonso. **A Contribuição do Estágio Supervisionado na Formação do Bacharel em Ciências Contábeis**. Disponível em: <http://www.face.ufmg.br/revista/index.php/contabilidadevistaerevista/article/viewFile/190/184> Acesso em: Janeiro, 2015
- FREY, Márcia Rosane; FREY, Irineu Afonso. A contribuição do estágio supervisionado na formação do bacharel em Ciências Contábeis. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 13, n. 1, p. 93-104, 2009.

FREY, Márcia Rosane; FREY, Irineu Afonso. A contribuição do estágio supervisionado na formação do bacharel em Ciências Contábeis. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 13, n. 1, p. 93-104, 2009.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed. São Paulo, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p.

GOLDSCHMIDT, Paulo Clarindo. Simulação e Jogos de Empresas. RAE - revista de administração de empresas, São Paulo, vol. 17, n. 3, mai./jun. 1977. Disponível em: <http://rae.fgv.br/rae/vol17-num3-1977/simulacao-jogo-empresas>. Acesso: 10 fev. 2015.

HEIN, A.; RABENSCHLAG, D. Modelagem De Um Jogo De Empresas Para O Ensino De Custos Na Graduação. **Encontro Nacional De Engenharia De Produção (ENEGEP)**, v. 27, 2007.

HU, Osvaldo Ramos Tsan. DESENVOLVIMENTO E IMPLANTAÇÃO DE UM SISTEMA DE JOGO DE EMPRESAS.

KUNZ, Ivanir. Modalidades distintas na relação universidade/empresa e suas características específicas no Brasil. **1º Concurso de monografia sobre a relação universidade empresa**, 1999.

LAFFIN, Marcos. **De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de contabilidade**. Imprensa Universitária UFSC, 2005.

LEAL, Edvalda Araujo; SOARES, Mara Alves; SOUZA, Edileuza Godói de. **Perspectivas dos formandos do curso de ciências contábeis e as exigências do mercado de trabalho**. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3167057>. Acesso em: Janeiro, 2015

Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm>. Acesso em: Janeiro, 2015

LEITE, Carlos Eduardo Barros. **A evolução das ciências contábeis no Brasil**. FGV Editora, 2005.

LOUSADA, Ana Cristina Zenha; MARTINS, Gilberto de Andadre. Egressos como fonte de informação à gestão dos cursos de Ciências Contábeis. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 16, n. 37, p. 73-84, 2005.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARION, José Carlos. **O ensino da contabilidade**. Atlas, 1996.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. **São Paulo: Atlas**, v. 225, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 247 p.

MARTINS, Valdeez Ferreira. As características do estágio curricular obrigatório do Curso de Ciências Contábeis da UNESC. 2013.

MASETTO, Marcos Tarcisio. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo: Summus, 2003 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNESC. Disponível em:

<<http://www.unesc.net/portal/resources/documentosoficiais/4475.pdf>> Acesso em: Janeiro, 2015

MASETTO, Marcos Tarcisio. Competência Pedagógica do Professor Universitário. São Paulo: Summus, 2003

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. Summus Editorial, 2012.

MENDES, João Batista. Utilização de jogos de empresas no ensino de contabilidade- uma experiência no Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia.

Contabilidade Vista & Revista, v. 11, n. 3, p. 23-41, 2009.

OLIVEIRA, Murilo Alvarenga. Currículo Lattes 2013. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4768668T1>>. Acessado em: 10 fev. 2015.

OLIVEIRA, Murilo Alvarenga. Implantando o Laboratório de Gestão: um programa integrado de educação gerencial e pesquisa em Administração. 2009. 2,36 Mbytes.

(Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-18122009-094527/pt-br.php>>.

Acesso em: 10 fev. 2015.

Parecer CNE/CES 67/2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0067.pdf>>. Acesso em: Janeiro, 2015

PASCHOAL, Alexandre Magno F. et al. O curso de Ciências Contábeis no Brasil. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 4, n. 1, p. 34-39, 2009.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**, v. 3, p. 76-97, 2003.

Resolução CNE/CES 10/2004, de 16 de Dezembro de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de Dezembro de 2004. Seção 1, p.15. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf> Acesso em: Janeiro, 2015

RICHARDSON, Robert Jarry. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Robertovatan dos. "Jogos de empresas" aplicados ao processo de ensino e aprendizagem de contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 14, n. 31, p. 78-95, 2003.

SAUAIA, A.C.A. Satisfação e Aprendizagem em Jogos de Empresas: Contribuições para a Educação Gerencial. 1995. 425.39 Kbytes. (Doutorado em Finanças e Marketing) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo. 1995. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12134/tde-23112005-193556/pt-br.php>> Acesso em: 10 fev. 2015

SCHMIDT, Paulo. **História do pensamento contábil**. São Paulo: Bookman, 2000.

SILVA, ACR. Interdisciplinaridade nos cursos de ciências contábeis: isso é possível? Um relato de experiência. **FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE CONTABILIDADE**, v. 4, 2003.

Site <<http://www.dicio.com.br/estagio/>>. Acesso em: 12/02/2015

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica. São Paulo: EPU, 2001

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: EPU, 2001. 288 p.